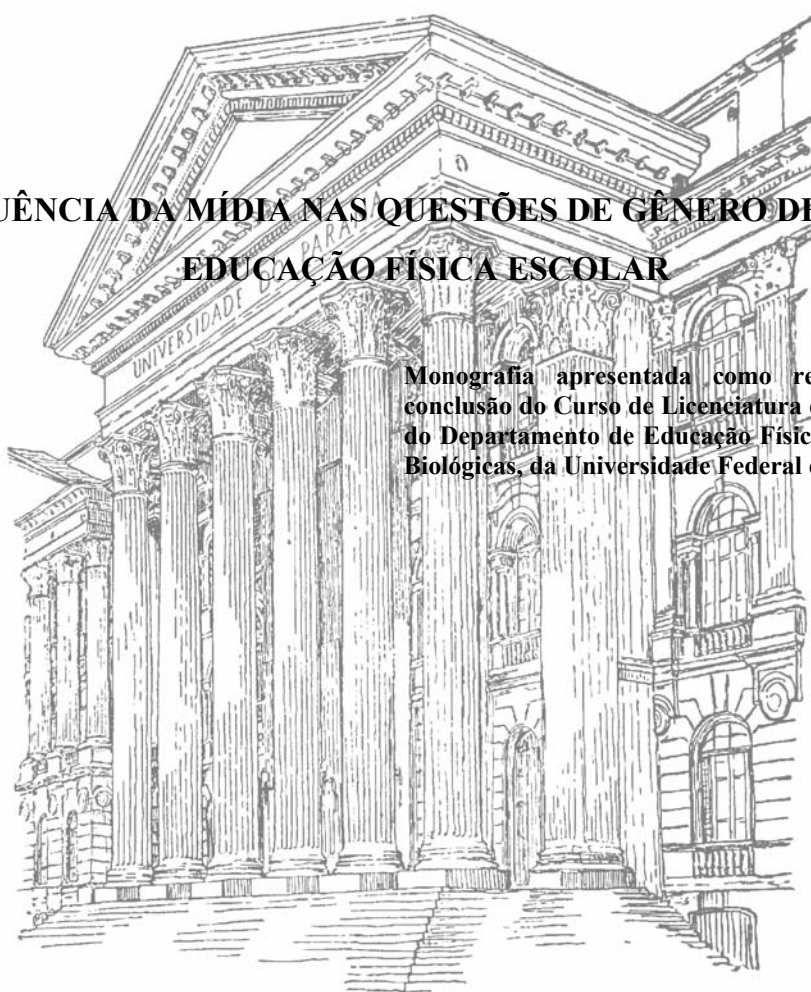


FLÁVIO HARMATA MARINHO

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS QUESTÕES DE GÊNERO DENTRO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito final para
conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física,
do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2006

FLÁVIO HARMATA MARINHO

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NAS QUESTÕES DE GÊNERO DENTRO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**Monografia apresentada como requisito final para
conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física,
do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.**

Professora orientadora
DRA Maria Regina Ferreira da Costa

É mais fácil cultuar os mortos que os vivos
Mais fácil viver de sombras que de sóis
É mais fácil mimeografar o passado
Que imprimir o futuro

Trecho da Música Minha Casa.

Artista: Zeca Baleiro

Dedico esse trabalho a todos que agem inversamente a esses versos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e de forma singular a minha família pelo incentivo ao longo da minha caminhada acadêmica e a figura notável da Daysa que me agüentou durante minhas horas de dissintonia com esse universo que nos cerca e nos comprime em seres muitas vezes desprezáveis. Agradeço a Tyrsa. Agradeço a família “CIDADE DORME”, que vive e sempre viverá mais do que um sonho a ser idealizado mais sim um ciclo de grande amizade e respeito mútuo. Agradeço ao pessoal da studio corpo livre, em especial a galera das “10:00” pelas risadas, apoio e credenciamento como professor de educação física. Agradeço à galera do “ThunderCats” pelos inesquecíveis momentos passados juntos. Agradeço de forma especial a todos os professores que foram responsáveis pela minha formação acadêmica, em especial a professora Maria Regina, minha orientadora desse trabalho e tenho certeza orientadora de um pouco da minha vida. E por fim, agradeço a todos que de certa forma fizeram parte da minha história e ajudaram na minha formação como pessoa.

A esperança não vem do mar

Nem das antenas de tevê

A arte é de viver da fé

Só não se sabe fé em quê

Trecho da Música Alagados.

Banda: Os Paralamas do Sucesso

(Bi Ribeiro - João Barone - Herbert Vianna)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO..... | vi |
| 1 INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA | 1 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA | 2 |
| 1.3 OBJETIVOS..... | 3 |
| 1.3.1 Objetivos gerais | 3 |
| 1.3.2 Objetivos Específicos | 4 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 5 |
| 2.1 PATRIARCADO: LÓGICA DA ESTEREOTIPAÇÃO DOS PAPEIS SEXUAIS . | 5 |
| 2.2 MÍDIA E A FORMAÇÃO DO CORPO | 17 |
| 2.3 INDÚSTRIA CULTURAL E A “BANALIZAÇÃO” DO CORPO | 22 |
| 3 METODOLOGIA..... | 29 |
| 3.1 CONTEXTO INVESTIGADO | 30 |
| 3.2 ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA..... | 33 |
| 4 OBSERVAÇÕES..... | 36 |
| 4.1 PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO | 36 |
| 4.2 SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO | 38 |
| 4.3 TERCEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO | 39 |
| 4.4 QUARTO DIA DE OBSERVAÇÃO..... | 41 |
| 5 DISCUSSÃO | 43 |
| 5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CAMPO INVESTIGADO | 43 |
| 5.2 MÍDIA CONSTANTE INFLUENCIADORA DENTRO DA ESCOLA | 45 |
| 5.3 COMO SE DÃO AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR... | 49 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 54 |
| 6.1 O/A PROFESSOR/A COMO EDUCADOR/A | 54 |
| 6.2 TUDO SE INTERLIGA..... | 56 |
| 6.3 POR FIM | 57 |
| 7 REFERÊNCIAS | 58 |

RESUMO

Na sociedade atual (re)produzimos diversos conceitos, formas e valores que são seguidos pelos indivíduos, sem o devido senso crítico sobre os “porquês” que fazem com que estes “dogmas sociais” sejam manifestações iminentes e constantes dentro deste universo. As instituições escolares, como parte integrante de uma sociedade, também apresentam dentro de seu contexto diversas formas de manifestações que são afluídas na sociedade como um todo, cabendo dessa forma, atentar para possíveis representações de valores que os alunos tragam para dentro do ambiente escolar e possam ser algum objeto que dissemine qualquer tipo de preconceito, segregação ou diferenciação dentro da escola.

Partindo desse pressuposto, este trabalho teve como finalidade analisar como se dão as relações de gênero nas aulas de educação física da 3ª série do ensino fundamental e como a mídia, e suas formas de transmissão se fazem presentes nesse contexto e como ocorre a mediação docente neste contexto. O trabalho de campo foi realizado na escola municipal Eny Caldeira localizada na cidade de Curitiba e a metodologia utilizada foi o estudo de caso qualitativo com observação participante, conversas com professor e com os alunos, e ainda análise dos espaços escolares (aulas, recreio, chegada à aula). Analisei questões referentes às diversas relações existentes no ambiente escolar, como por exemplo: a relação professor-aluno/a e ou/ aluno/a-aluno/a, e como se manifestam as segregações e estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Gênero, Estereótipo, Escola, Mídia, Indústria Cultural, Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

As discriminações de e entre gêneros são freqüentemente produzidas na sociedade de modo mais proeminente com violência contra a mulher e homossexuais, femininos e masculinos, e, na estereotipia de papéis sexuais. Tais manifestações resultam em diferentes formas de desigualdades na família, no trabalho, na educação, no esporte e lazer, etc. Numa sociedade patriarcal, atitudes ou gestos enquadrados como femininos ou masculinos marcam corpos femininos e masculinos evidenciam-se os efeitos da normalidade, patriarcal misógina. Porém, muitas características que são delineadas para os homens e para as mulheres já são traçadas pelos próprios pais, pai e mãe, numa construção sócio-cultural que define quais procedimentos devem ser tomados pelos indivíduos ao longo de sua vida. Convém lembrar que no que me refiro ao gênero tal conceito leva consigo as diferenças *dos* sexos e *entre* os sexos, “é uma invenção social muito bem distribuída em uma série de discursos que normalizam um modo de ser universal para os sujeitos masculinos e femininos em suas diferentes fases da vida” (FRAGA, 2000, p.131). Porém, ao mesmo tempo que universaliza também os singulariza, pois há diferentes modos de ser homem e diferentes modos de ser mulher.

Nota-se também que a mídia como porta-voz da chamada indústria cultural exerce papel fundamental nas questões de gênero na sociedade. O modo de divulgar e vender o corpo tanto do homem quanto da mulher, influencia e cria, muitas vezes, um modo de ser tipicamente masculino e um modo de ser tipicamente feminino ao mesmo tempo que no caso da Educação Física, área que aprofundo meus estudos, ajuda a difundir o estereótipo de um corpo “esteticamente perfeito”.

Nas instituições escolares também verifica-se que o comportamento das meninas e dos meninos possuem características diferentes, que já são esperadas pelos pais e pelos próprios professores/as tais manifestações. Cabe lembrar que a escola vigia os corpos de alunas e alunos de diferentes formas em diferentes momentos, porém o preço que os

meninos pagam para corresponder ao modelo da masculinidade obrigatória é alto, entretanto, qualquer aluno ou aluna que fuja dos padrões estabelecidos da heterossexualidade obrigatória, torna-se um problema para a família e para escola.

“Por meio desse processo de imitação prestigiosa é possível perceber a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural. Para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de “machona” pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma, para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica em ser chamado de “bicha” ou “afeminado”. Tanto para o menino como para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza. São tidos como rebeldes. Não resta dúvidas de que é mais cômodo cumprir os ditames sociais e, assim, ser valorizado como uma pessoa bem-sucedida”(DAOLIO, 1995, p. 103).

Partindo dessa ótica este trabalho trata de refletir como as aulas de Educação Física do ensino fundamental são espaços de mediação das informações veiculadas na mídia e como o professor/a de Educação Física faz a mediação entre os saberes provenientes da mídia relacionados ao corpo e movimento no que tange as aulas de Educação Física nas instituições escolares, em especial nas aulas de educação física do ensino fundamental.

1.2 JUSTIFICATIVA

Ao longo da caminhada acadêmica os aspectos referentes à mídia, através dos meios de comunicação de massa e a indústria cultural, sempre me atentaram a que influência tais meios poderiam exercer nas aulas de educação física escolar. De igual forma, as questões de gênero nas aulas de educação física também me despertavam curiosidade e pontos que poderiam ser pensados e refletidos. Sendo assim, neste trabalho, de forma específica, vou trabalhar as relações de gênero nas aulas de educação física escolar de modo a perguntar como a escola faz a mediação dos saberes da mídia, e como os meios de comunicação de massa podem interferir dentro da comunidade escolar.

Nota-se ainda que “a história da educação física mostra que ela foi sempre discriminatória mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos, a serviço de uma ideologia sexista” (ROMERO, 1994, p. 229). Tendo presente tal pensamento cabe perguntar como se produzem e reproduzem as relações de gêneros, meninos e meninas, nas aulas de Educação Física. Com os avanços alcançados pelos movimentos feministas na década de 70 as aulas de Educação Física em sua maioria acontecem em turmas mistas. Porém, há que se perguntar se atualmente as aulas de educação física apresentam um caráter sexista e discriminatório, se os papéis do masculino e do feminino são definidos e delimitados e até que ponto a mídia pode interferir nesses aspectos, ajudando a mantê-los, produzir ou a reduzi-los, já “que a organização escolar deve auxiliar na formação de uma sociedade na qual mulheres e homens não limitem suas possibilidades pessoais em função de seu sexo e as atividades realizadas não sejam balizadas pelas atribuições de gênero” (COSTA & SILVA, 2002, p.47).

Por fim faz-se necessário estudar o inter-relacionamento das questões referentes a mídia e a gênero para elucidar questões inerentes a sociedade em que vivemos como o sexismo. Acredito que as reflexões do presente estudo, em específico nas aulas de educação física do ensino fundamental, respaldará a reflexão e prática dos professores/as que atuam nesse grau de ensino.

1.3 Objetivos

1.3.1 Gerais

O objetivo desse trabalho é refletir acerca das questões de gênero nas instituições escolares, em específico nas aulas de Educação Física, do ensino fundamental da escola Eny Caldeira, localizada no município de Curitiba. Aliado a isso verificar como a mídia através dos meios de comunicação de massa e a indústria cultural interferem nas relações de gênero na sociedade e na escola.

1.3.2 Específicos

- Observar como se dão às relações de gênero nas aulas de educação física escolar no ensino fundamental da Escola Municipal Eny Caldeira.
- Atividades realizadas, conteúdos executados e solicitados pelos alunos/as, concepção de corpo, estereotipia de atividades – o que pensam, dizem, qual o significado desses elementos para alunos/as e professor/a de Educação Física
- Verificar de que modo mídia influencia nas questões de gênero quanto a concepção de corpo e como professor/a faz a mediação nas aulas de Educação Física do ensino fundamental da escola Municipal Eny Caldeira

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PATRIARCADO: LÓGICA DA ESTEREOTIPAÇÃO DOS PAPÉIS SEXUAIS

Quando se fala em relações de gêneros observamos ao longo da história que a mulher sempre foi depreciada pela sociedade, ficando evidenciado que o sexo masculino sempre foi visto como superior em relação ao feminino. Em praticamente todas as sociedades a mulher sempre foi valorizada, tão somente, como objeto de prazer dos homens, a responsável pela perpetuação da espécie, que precisava cuidar dos filhos e da casa aceitando seu papel de submissão perante o mundo masculino. Seguindo essa linha de pensamento, notamos ainda que sempre houve a interpretação que a mulher era um ser biologicamente inferior ao homem, sendo fato esse que reforçava as obrigações da mulher apenas com o âmbito familiar restringindo-a a qualquer tipo de manifestação que necessitasse do uso das suas capacidades físicas e intelectuais.

A luta pela equidade das mulheres perante aos homens nunca foi algo relevante. Somente “a partir do século XVIII as mulheres começaram a refletir sobre a discriminação que sofrem, passando a compreender que as diferenças de gênero não são produtos da diferença biológica, mas consequências das estruturas sociais e culturais que enaltecem o masculino e desvalorizam o feminino” (COSTA & SILVA, 2002, p.44). Nesse momento da história começou-se a discutir qual o papel do corpo feminino em relação ao corpo masculino, contudo, passando as discussões do âmbito biológico para o social e cultural.

Em uma sociedade, seja ela localizada em algum país da África (considerado um continente subdesenvolvido), ou da Europa (considerado desenvolvido), os diversos tipos de pessoas e populações criam hábitos e costumes próprios que podem ser considerados completamente “alienados” para outro grupo populacional localizado a quilômetros de distância no caso de um continente, ou mesmo localizados próximos um do outro podem ser totalmente distintos, caso que ocorre nas diversas aldeias espalhadas pelo continente africano que se tornam próximas ao habitarem regiões vizinhas e ao mesmo tempo

distantes, pois seus hábitos são totalmente opostos, causando muitas vezes conflitos e guerras entre determinados grupos étnicos. O que quero ressaltar com este exemplo é que cada sociedade possui sua construção cultural, isto é, a religião, a organização hierárquica, suas crenças, enfim, suas particularidades que fazem com que cada indivíduo obedeça a padrões pré-estabelecidos pela sociedade em que habita. Verifica-se ainda que dentro de uma mesma sociedade existem diferenças (uns são católicos, outros evangélicos, outros ateus, uns pobres outros ricos, uns com mais recursos culturais outros com menos), porém, em relação a estereotipia dos papéis sexuais parece que há um consenso do que é apropriado a mulher e o que é apropriado ao homem, lembrando que a ciência ajudou muito a difundir essa forma de pensamento.

Se levarmos em consideração os aspectos biológicos referentes ao sexo masculino e feminino, vamos verificar que historicamente o homem foi sempre tratado como um ser superior perante a figura feminina da mulher, porém devemos salientar que a diferença existente entre os sexos não está atrelada somente ao caráter biológico, mas há que se considerar, como afirma DAOLIO “que há uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade. O conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo” (1995, P.100), e completando seu pensamento devemos observar que “se a biologia diz que os homens são semelhantes apesar de suas diferenças, a antropologia afirma que os homens são diferentes apesar de suas semelhanças”.(DAOLIO, 1995, P.107).

Olhando por essa ótica e trazendo a discussão para as questões de gênero notamos que “as diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis e comportamentos distintos na sociedade. Assim, meninos e meninas, antes mesmo de nascer tem suas vidas delineadas a partir das expectativas de seus pais, expectativas estas que variam de um sexo para outro. É a partir desse entendimento que uma criança cresce, comportando-se com padrões culturais e históricos dentre os quais é educado” (ROMERO, 1994, p.226).

Fazendo um pequeno resgate histórico notamos que sempre o homem foi criado para ser o chefe da família, a figura masculina sempre foi vista como forte, viril, capaz de desempenhar qualquer tipo de tarefa, delimitada nas suas capacidades físicas e de força. Em contrapartida as mulheres sempre foram qualificadas como o sexo frágil responsável pela educação dos filhos e pelos afazeres domésticos, tendo como adjetivos a delicadeza e a suavidade. Assim sendo, a educação das crianças sempre seguiram a lógica de que o menino precisa ser (ter) viril (idade) brincar com elementos fortes que o preparem para a vida adulta, onde será um “homem de verdade”, e a menina seguindo por outro viés deveria ser criada na presença da mãe ajudando-a nas tarefas diárias, preparando-se para se tornar uma “esposa verdadeira” quando adulta. Podemos ressaltar ainda que qualquer indivíduo que não seguisse tal padrão era considerado um rebelde, ou ainda muitas vezes visto como uma “aberração”, um ser que poderia trazer azar para a comunidade, sendo punido com rigor pela sociedade a qual habitava.

“O treinamento social é diferente para cada um dos sexos e o adulto faz um julgamento sobre o modelo comportamental mais apropriado para si e para os seus semelhantes deste ou daquele sexo, em função de estereótipos de papel sexual existentes, os quais desde cedo os condicionam a adequarem e a se comportarem da forma socialmente esperada. De acordo com o clima social que as crianças crescem, meninos e meninas começam a seguir interesses distintos em linhas divergentes de desenvolvimento. Com o passar dos anos, tanto o homem quanto a mulher poderão tornar-se o adulto do tipo agressivo ou retraído, dependente ou independente, honesto ou desonesto. Dentro dessa linha poder-se-ia listar uma gama de dicotomias onde se enquadrariam as pessoas. As características de personalidades que o indivíduo vai adotar serão aquelas socialmente aceitas por seu grupo, seja ético, seja social, seja religioso. Pode-se dizer que uma criança nasce sob o treino socializador, iniciando na família que se torna rígido à medida que ela cresce e amadurece. A aquisição do papel masculino ou feminino ganha consistência e importância a partir da premissa que a maioria das culturas espera que homens e mulheres tenham papéis e comportamentos diferentes na sociedade.” (ROMERO, 1994, p. 227).

Nota-se dessa forma que a cultura de determinada sociedade pode “delimitar” os costumes e hábitos que cada indivíduo deve seguir quando inserido dentro do grupo, ficando evidenciado que os indivíduos que lá convivem absorvem normas e costumes pré-estabelecidos de forma a segui-los “naturalmente”, sendo o processo de mudança de tais costumes lento, podendo demorar gerações para modificá-los, já que todo processo de

mudança necessitará de quebras de regras e padrões o que, *a priori*, pode se tornar algo extremamente impactante para o chamado eixo da sociedade, que detém valores arraigados no tradicional e enxerga com preconceito qualquer tipo manifestação que vá contra os princípios já estabelecidos dentro da sociedade em que habitam. Exemplo disso é quando falamos sobre sexualidade. Existem barreiras, preconceitos, tabus, que se fazem constituídos histórica e culturalmente, fazendo com que tal assunto sempre fosse tratado com sigilo, recato, pudor, a sexualidade como aponta FRAGA (2000, P. 131) “assumiu o caráter de verdade mais profunda a respeito de nós mesmos. Ela se tornou o segredo mais bem-guardado por qualquer sujeito, um mistério encarcerado no próprio corpo e do qual não se pode escapar”, e conclui sua linha de raciocínio dizendo que a sexualidade “é uma invenção social muito bem distribuída em uma série de discursos que normatizam um modo de ser universal para os sujeitos masculinos e femininos em suas diferentes fases da vida” (FRAGA, 2000, P.131).

Historicamente a sexualidade sempre foi tratada como objeto de segredo, de mistério, entrelaçada com dogmas, utilizada muitas vezes como meio de controle da sociedade, que doutrinada aceitava os valores passados sem questionamentos, já que qualquer manifestação poderia ser vista como alguma heresia, que certamente seria punida com rigor e severidade pela própria sociedade. Os corpos masculinos e femininos (principalmente o feminino), eram recatados de movimento de expressão, eram cobertos, fechados, sem vida. Percebe-se ainda que a partir do século XVIII a anatomia emergente apontava o clitóris como fonte do prazer feminino, e rotulava a vagina apenas como um conduto de ligação entre o homem e a mulher, porém, como apontar que o órgão responsável pelo prazer sexual feminino não havia função reprodutora, como a mulher poderia desfrutar dos “prazeres mundanos” sem oferecer nada para a sociedade. Desse modo aconteceu a extirpação do clitóris ocorrendo uma “migração do clitóris (lugar de prazer sexual) para a vagina (lugar de reprodução sexual) e o conseqüente “sumiço” do primeiro resultou em um dos mais importantes mecanismos de controle sobre a sexualidade feminina, engrenados por uma lógica masculina, que ainda opera sobre os corpos de nosso tempo” (FRAGA, 2000, P.135).

Nota-se ainda que antes de se identificar a presença de um corpo legitimamente feminino, todas as menções feitas ao corpo humano eram retratadas baseadas no corpo do homem, negando assim a presença de um corpo feminino e vendo-o apenas como uma versão “ao contrario” do corpo masculino delimitando assim os órgãos sexuais femininos que teriam a mesma função que os órgãos sexuais masculinos, apenas com formatos diferentes.

Pode parecer que o que foi retratado fuja da nossa realidade, contudo podemos visualizar alguns episódios que apontam o descaso com o sexo feminino nos dias de hoje. O que falar das tribos africanas que retiram o clitóris das meninas, ritual que pode acontecer já no nascimento da criança, o que pensar na disparidade de cargos e salários nas empresas mesmo quando homens e mulheres possuem o mesmo grau de conhecimento, enfim, ainda há uma grande barreira que impede o sexo feminino de ser tratado com o mesmo grau de importância pela sociedade que é tratado o sexo masculino. “É inegável que a sociedade de hoje ainda seja organizada em função do homem e não da mulher. Nesse sentido, na cultura patriarcal, valores essenciais como a supremacia do sexo masculino, são colocados de um lado, enquanto a inferioridade do indivíduo do sexo feminino é colocada de outro, sendo compreensivo que se proíba rigorosamente pôr em discussão o prestígio do homem” (ROMERO, 1994, P.227).

Dentro desse contexto, e tratando a sexualidade como um todo, podemos colocar que não é apenas o prestígio do homem que não pode ser colocado em questionamento. Quando falamos nos aspectos referentes à sexualidade, temos como padrão normal a heterossexualidade que torna-se elemento inquestionável e irrefutável, que condenada a “anormalidade” qualquer tipo de manifestação que fuja dos padrões apontados como certos pela sociedade como LOPES que aponta que “o modelo “normal” é a família nuclear constituída por um casal heterossexual e seus filhos. Essa forma de organização social é, na verdade, mais do que normal, ela é tomada como natural. Processa-se uma naturalização – tanto da família como da heterossexualidade – que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade” (LOPES, 1999, P. 133-134).

Percebe-se que embora muito se fale em liberdade sexual, em quebra de barreiras e preconceitos, esses ainda se manifestam de forma contundente e mostram sua força dentro da sociedade. A partir da década de 60, no Brasil e no mundo ocorreu uma grande revolução com relação à sexualidade, pensava-se que portas estavam sendo abertas para a desmistificação dos corpos e de paradigmas atrelados a tal assunto, tão complicado e sigiloso, que deveria ter hora e local para se falar sobre. Logicamente falar sobre sexualidade abertamente em uma sociedade arraigada de valores e normas causou, principalmente para os eixos mais conservadores da sociedade, um choque, que aos poucos foi sendo neutralizado por outras formas de controle, que fazem com que as pessoas se policiem sozinhas e sejam responsáveis por seus atos e suas atitudes, sendo cada vez mais clara a necessidade do autocontrole para bem estar próprio e bem estar da população em geral. As instituições que de certa forma exercem poder sobre a sociedade, Estado e Igreja, por exemplo, ao permitir que determinadas atitudes, tidas anteriormente como “nebulosas” possam ser praticadas, conseguem se adaptar às exigências da sociedade, contudo nunca abrindo mão de seu domínio perante ela.

E o que falar da homossexualidade tão presente e ao mesmo tempo tão negada dentro da sociedade. Nota-se que o homossexualismo é dito como o diferente o anormal, os indivíduos que fugiram dos padrões pré-estabelecidos e que de alguma forma poderão causar problemas para a manutenção da sociedade. Podemos nos questionar a respeito dos países que já aprovaram o casamento de homossexuais, isso não seria um avanço? A princípio sim, porém, cabe questionarmos se tal situação não apresenta apenas um caráter assistencialista, para resolver um problema momentâneo, que rapidamente a força do Estado vêem para solucionar e abafar qualquer tipo de manifestação que possa colocar em risco a manutenção do próprio Estado.

Ao falar de sexualidade podemos ainda nos deportar para dentro das instituições escolares, como será que esse assunto é verificado dentro das salas de aula? Podemos notar que muitas vezes o assunto sexualidade é escondido pelas escolas, na verdade deporta a responsabilidade para a família dos alunos, esquivando-se de qualquer tipo de manifestação, ficando alheio à problemática, como que se dentro das instituições os

alunos estivessem “assexuados”, isto é, em nenhum momento pensassem ou praticassem sua sexualidade. Se visualizarmos uma turma de ensino médio, por exemplo, veremos diversas manifestações dos adolescentes que retratam claramente aspectos referentes a sexualidade, contudo, é mais cômodo para a escola, em vez de proporcionar algum tipo de orientação, apenas transpor toda a responsabilidade para o eixo familiar.

Muito se fala sobre o caráter da escola com relação a sexualidade de seus alunos. A quem defenda que a instituição escolar deve apenas cuidar apenas dos assuntos referentes aos saberes sistematizados, negando assim qualquer obrigação de tratar de um assunto complexo e às vezes “impertinente” como a sexualidade de seus alunos. Por outro lado, a quem defenda que a escola deve apresentar-se aberta para discussões de todas as ordens, assim como religiosas, étnicas, e como aqui retratado as questões que tratam da sexualidade de seus alunos. Não vejo a escola como um espaço que deve manter-se alheia a tais questões, mas sim um lugar que ajude a proporcionar a seus educandos oportunidades de esclarecer suas dúvidas e, conseqüentemente ajude a elucidar, mesmo que de forma indireta, os questionamentos dos alunos. Falo de forma indireta no sentido de que não acredito que necessariamente precisamos delimitar um lugar e um horário para se tratar de determinado assunto. O que quero dizer é que se faz de suma importância que os professores, independentemente da disciplina que lecionem, possuam o conhecimento a cerca de temáticas transversais, e saibam detectar dentro de uma aula, ou mesmo dentro de uma conversa informal com seus alunos a possibilidade de trazer um debate franco, aberto e principalmente acessível, que possibilite a interação professor-aluno de forma a auxiliar no esclarecimento de incertezas que os mesmos possam a vir a ter sobre diversos assuntos, aqui em especial a sexualidade.

Logicamente não devemos deixar a “educação sexual” de nossos jovens vinculada exclusivamente as instituições escolares. Cabe a família, como primeira transmissora da cultura social, trazer a discussão sobre a sexualidade e outros assuntos pertinentes, para dentro do ambiente familiar, desmistificando mitos e dogmas criados muitas vezes pelo próprio eixo familiar. O que quero dizer é que muitas vezes assuntos considerados “complexos”, são negados pela instituição familiar. O pai nega a informação para o filho,

que conseqüentemente quando este se tornar pai terá a mesma atitude perante o seu filho. Torna-se um ciclo seguro não falar, manter-se na resistência, mantendo de forma natural procedimentos de uma sociedade que impõe horas e datas para se falar de determinados assuntos, quando estes são falados.

Percebendo essa ótica, fica evidenciado, de modo geral, que vivemos em uma sociedade que ainda esconde a sexualidade tratando-a como um objeto de segredo e de mistificações, que consegue manter padrões de certo e errado, fazendo com que o errado se esconda e fique a mercê da sociedade. Neste caso verifica-se que as diversas instituições que de certa forma exercem seu poder perante a sociedade, Igreja, Estado, Família, Escola, continuam difundindo as idéias que melhor atendem as suas necessidades, sendo tarefa complicada realizar uma mudança imediata em tal situação.

“Trata-se de assumir que *todos* os sujeitos são constituídos socialmente, que diferença (seja ela qual for) é uma construção feita – sempre – a partir de um dado lugar (que se toma como norma ou centro). É preciso, pois, pôr a *norma em questão, discutir o centro, duvidar do natural*...Mas, não há como negar que a disposição de questionar nosso próprio comportamento e nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora: para que resulte em alguma transformação, tal disposição precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e trocar idéias, de ouvir aqueles e aquelas que, histórica e socialmente, foram instituídos como “outros” ” (LOPES, 1999, P.141)

Falando especificamente da sociedade brasileira visualizamos, ainda, uma realidade impregnada de estereótipos e valores a serem seguidos e obedecidos fielmente pela mulher. Esta que sempre foi, e ainda é menosprezada em relação ao sexo masculino, sendo obrigada a sujeitar-se a padrões de uma sociedade machista e detentora do poder, ficando bem evidente a divisão de tarefas entre os sexos masculinos e femininos. É lógico que não devemos generalizar tal situação, existem casos, aqui no Brasil, que apontam para uma mudança de rumo com relação a indiferença da mulher perante a sociedade, existem mulheres que alcançaram seu prestígio e respeito, ocupando lugares na política, educação, iniciativa privada, conseguiram alcançar direitos assegurados por lei, contudo, nota-se ainda que as mulheres enfrentam o que vou chamar de “obstáculo social” a ser vencido. Quero dizer que por mais que as mulheres brasileiras estejam conseguindo seu espaço

dentro da sociedade percebe-se que alguns procedimentos da própria sociedade travam o avanço da mulher perante a sua emancipação por completo. Quem nunca escutou no trânsito uma piadinha como: “Tinha que ser mulher”, ou ainda falando das tarefas diárias; “Supermercado? Quem vai nesse lugar é a minha mulher”. Os valores culturais que diminuem o papel da mulher estão tão enraizados na sociedade brasileira que se torna uma prática comum piadas de tom jocoso para caracterizar alguns eventos diários, que muitas vezes são utilizados pelas próprias mulheres, ficando manifesto o quando a cultura social brasileira esta exposta a valores machistas.

“Na sociedade brasileira, os papéis sexuais são bem distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos. Ser homem ou mulher na cultura brasileira é fundamentalmente diferente, pois os papéis sexuais ainda são prescritos com muita rigidez. Assim, em nível de comportamento, vê-se significativas diferenças entre homens e mulheres. Por exemplo, a mulher realiza tarefas domésticas, o homem não. Em nível de relações emocionais espera-se que a reação do choro seja sempre por parte da mulher, mas não do homem: que o homem seja frio e corajoso, a mulher emotiva e insegura. Em nível de atitudes, a mulher deve manter uma postura social receptiva e submissa diante da agressão e do domínio masculino. Em nível de valores, a mulher deve colocar o lar e os filhos em primeiro lugar, o homem deve pensar na realidade através do trabalho fora do lar” (ROMERO, 1994, p. 227).

Os padrões estabelecidos pela sociedade que fazem com que as mulheres sejam inferiorizadas, como apontados anteriormente, são construídos culturalmente e a educação, seja ela familiar ou a educação sistematizada das instituições escolares são agentes fundamentais na construção ou reprodução e mesmo ruptura de tais valores. Assim sendo, é notório que tanto dentro da organização familiar como dentro das instituições escolares são perpassados aos “educandos/as” normas de comportamento que sustentaram os padrões preestabelecidos pela sociedade, servindo a escola como aparelho ideológico do estado ajudando a manter normas interessantes para o controle da população, e a família ajudando a constituir dogmas que farão que homens e mulheres desde crianças comecem a entender que existem objetos próprios para cada um dos sexos.

Dentro da família cria-se uma grande expectativa com nascimento de uma nova criança. E evidentemente os pais criam situações que vão reproduzir os valores que estão intimamente ligados a própria educação que tiveram. Mesmo retratando o senso comum,

verifica-se que se nasce um menino é perceptível à existência de uma bola de futebol, camisa do time que o pai torce, elogios a sua virilidade, e provavelmente uma decoração tipicamente azul. Quando ocorre nascimento de uma menina nota-se todo um lado delicado, afetuoso, com laços de cabelo e provavelmente um rosa atenuante nas paredes do quarto. Do nascimento para a vida adulta ainda a família proporcionará para os filhos uma cadeia de exemplos que sustentaram a idéia da virilidade do menino e da delicadeza da menina. “E neste encaminhamento, os meninos, ainda nos dias de hoje, são desde cedo socializados para atividades profissionais e as meninas para o casamento. Nessa visão tradicional o corpo do homem e da mulher é preparado desde que nasce para a independência /dependência, opressão – submissão. . É nesta ótica sexista que a sociedade se preocupa com frequência em avaliar a masculinidade e a feminilidade” (ROMERO, 1994, p. 228).

Retratando a escola verifica-se que os comportamentos femininos e masculinos são, de certa forma, já esperados pelos próprios professores/as que esperam de um menino um comportamento mais agressivo, que faça brincadeiras durante as aulas, que esteja sempre ligado a algum tipo confusão. Em contrapartida, espera-se que as meninas sejam voltadas apenas aos estudos, obedeçam às normas do colégio, não façam bagunça, sejam um exemplo de comportamento.

“Por meio desse processo de imitação prestigiosa é possível perceber a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural. Para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de “machona” pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma, para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica em ser chamado de “bicha” ou “afeminado”. Tanto para o menino como para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza. São tidos como rebeldes. Não resta dúvidas de que é mais cômodo cumprir os ditames sociais e, assim, ser valorizado como uma pessoa bem-sucedida”(DAOLIO, 1995, p. 103).

E o que falar das questões de gênero dentro das instituições escolares se reportando para as aulas de Educação Física. Talvez dentro da escola a Educação Física seja a que retrate com mais nitidez o quanto à sociedade impõe normas e valores que devem ser

seguidos quando falamos no ser masculino e o ser feminino. “A história da educação física mostra que ela foi sempre discriminatória mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos, a serviço de uma ideologia sexista” (ROMERO, 1994, p. 229).

A priori parece fácil visualizar que as meninas dentro do contexto de uma aula de Educação Física estejam sujeitadas a um caráter secundário, pois os meninos já apresentam suas potencialidades treinadas, afinal a cultura social a que eles foram submetidos desde que nasceram já os treinou para exteriorizar a força, virilidade e destreza, aspectos ocultados nas meninas que precisam seguir um padrão oposto ao indicados aos meninos, isto é, precisam manter sua delicadeza e sutilidade e porque não submissão obedecendo assim às regras impostas pela sociedade em que vivem, ficando evidente a divisão que ocorre dentro das aulas de Educação Física, sendo que, os esportes e jogos são direcionados para os meninos e as danças e ginásticas para as meninas.

Contudo, *a posteriori*, podemos observar que seguindo tal caráter sexista que a sociedade impõe, a aula de Educação Física pode prejudicar tanto os meninos como as meninas. É perceptível que nem todos os meninos gostam de esportes ou jogos de contato. Imagine que algum menino goste de praticar dança ou qualquer outra modalidade que tenha um caráter destinado “exclusivamente” para as meninas. Esse menino possivelmente sofrerá com piadas dos colegas, será titulado como “afeminado”, e poderá ser repreendido pelo próprio professor/a da disciplina. Agora façamos o exercício ao contrário, pode existir uma menina que não goste de atividades rítmicas ou dança, e goste sim, de praticar esportes de contato, por exemplo, o futebol. Essa menina sofrerá com o grande ímpeto os preconceitos estipulados pela sociedade, será rotulada com diversos adjetivos, e da mesma forma como o menino, pode vir a ser advertida inclusive pelo professor/a, ou ainda, verificando os dois casos aqui mencionados, poderia até haver a interferência da direção da instituição nos casos contatando inclusive os pais dos alunos/as para resolver o “grande problema” que os mesmos professores/as desenvolveram.

Sendo assim é passível de questionamento o papel do professor/a de Educação Física quanto às questões de gênero dentro das instituições escolares. Creio eu que deve ser o papel de interlocutor entre os alunos/as e a sociedade, trazendo o problema à tona e buscando soluções em conjunto com os mesmos, tendo em vista, como aponta COSTA & SILVA “que a organização escolar deve auxiliar na formação de uma sociedade na qual mulheres e homens não limitem suas possibilidades pessoais em função de seu sexo e as atividades realizadas não sejam balizadas pelas atribuições de gênero” (2002, p.47), e falando especificamente do professor/a de Educação Física, “acredita-se que está na mão do educador, em especial aquele que pode fazer alguma coisa concreta diretamente com o corpo, enfocando a importância da experiência corporal e a participação na aprendizagem do uso de seu corpo, através de movimentos desprovidos de valores sexistas. O professor de Educação Física tem a possibilidade de contribuir para que a sociedade diminua a tendência de determinar os ideais estes, na maioria das vezes, fortemente comerciais” (ROMERO, 1994, p.232).

Para tanto é necessário que o professor/a de Educação Física tenha em sua formação requisitos que possibilitem uma grande gama de conhecimentos sobre tais assuntos sociais, aqui no caso as questões de gênero. É imprescindível o respaldo teórico e prático para que, dentro de suas aulas, o professor/a consiga trazer tais problematizações para seus alunos/as, e o mais importante, fazer com que estes consigam debater e interagir entre si e com o próprio professor/a maneiras de transformar a escola, e as aulas de Educação Física, num espaço “livre” de sexismo criando possibilidades de mudança dentro da sociedade como um todo. Faz-se necessário que as aulas de educação física tenham elementos distintos que caracterizem situações vividas por todos, meninos e meninas, e que aja a possibilidade de equidade entre os sexos. “O mais importante é valorizar a diferença e a contribuição individual para todos os meninos e meninas, sendo oferecida atividade física como direito, com recursos iguais para atividades femininas e masculinas, ampliando dessa forma, a sua oferta e proporcionando maior elenco de atividades, tais como recreação, desenvolvimento e manutenção” (COSTA & SILVA, 2002 P. 51).

2.2 MÍDIA E A FORMAÇÃO DO CORPO

Nesse momento faz-se necessário discutir as relações existentes entre o corpo e as mídias de modo geral. Contudo temos que abranger tal temática de forma a não tratar o corpo como mero ser biológico, mas sim vê-lo como algo cheio de significados e mensagens que fazem com que ele seja visto e tratado de diversos modos, e ganhe diferentes formatos dentro de uma determinada sociedade.

“O corpo é uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. não é portanto algo, dado *a priori* nem mesmo universal: o corpo é provisório, natural e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz”.(GOELLNER, 2003, p.28).

Não devemos descartar a presença do indivíduo biológico, contudo é necessário destacar que modelos e identidades são criados por vários mecanismos, aqui no caso a mídia, a fim de reproduzir padrões que levem a indivíduos de uma determinada sociedade, considerando suas diversas manifestações singulares obedecer a critérios que, tais entidades perpassam como verdadeiros. “Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o diferem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER,2003, p.29).

A mídia como reprodutora de signos e de discursos que muitas vezes determinam normas e comportamentos a serem seguidos por uma sociedade também é responsável pela propagação de estereótipos sobre o corpo. Não é raro encontrar nos programas de televisão, ou em anúncios de jornais programas, ou anúncios que retratem um padrão contemporâneo do corpo humano. Percebe-se que a construção cultural passa necessariamente por vários aspectos, e um deles indubitavelmente está vinculado ao corpo, contudo, este corpo transmite valores que ressaltam normas a serem seguidas suprimindo assim uma infinidade cada vez maior de produtos que vinculam sua imagem a um corpo saudável, idealizados por milhares de pessoas. “A construção e a negociação das diferentes identidades passam hoje, necessariamente, pelo corpo e são associadas ao

consumo, alimentando um mercado milionário que cresce incrivelmente a cada dia, junto com a obsessão pelo corpo belo, malhado, magro, saudável” (ANDRADE, 2003, p.113).

A obrigação quase que incessante de se ter um corpo chamado “ideal”, ou porque não dizer um corpo que reproduza os padrões pré-estabelecidos dentro da sociedade, tornou algo imprescindível, uma espécie de status quo da saúde e da beleza, “manter-se jovem e bonito é um ideal da nossa sociedade” (SILVA & SOARES, 2003, p.28).

Não há como negar que estamos intimamente ligados com os meios que reproduzem manifestações de como devemos agir, ou como devemos nos comportar dentro dos mais variados meios. Isso parece agir de forma circunstancial nas nossas atitudes perante cada situação que encontramos diariamente. “Somos constantemente bombardeados por informações que nos chegam principalmente através da mídia e que nos ensinam como devemos nos relacionar com o mundo” (ANDRADE, 2003, p.109). Tal chuva de informações faz com que cada vez mais sejamos policiais de nós mesmos, e nos punamos por atitudes que ainda nem tomamos, isto é, antes de agir, de manifestar-se, respaldados nos padrões de “certo ou errado”, já temos à ciência de que determinados gestos não serão bem aceitos em determinados lugares, desse modo muitas vezes somos obrigados a nos mover com as regras ditadas por estâncias maiores dentro da sociedade.

Olhando por essa ótica nosso corpo está ligado de forma peculiar com os órgãos de controle de normas e valores que devem ser corretos ou não. Meios como “as artes, as ciências, as tecnologias e a mídia de um modo geral (cinema, tv, musica, revista) são considerados instancias de produção do corpo porque desenvolvem uma pedagogia voltada para a educação dos corpos dos homens e mulheres, de jovens e velhos/as, de brancos/as e negros/as. Estes aparatos preocupam-se em ensinar modos mais “adequados” de viver a vida” (ANDRADE, 2003, p.119). A chamada doutrinação do corpo aparece de forma evidente nas mídias. Cansamos de verificar que a exultação do belo está presente de forma deliberada e o principal, de forma a ser seguida.

Podemos salientar que a exposição do corpo na mídia está mais presente na mídia televisiva. O maior acesso de todas as populações e classes a esse meio facilita e possibilita que praticamente todas as pessoas de um determinado seguimento da

sociedade fiquem vulneráveis ao que programas de mero apego por audiência oferecem, assuntos diversos muitas vezes atrelados a uma gama de informações sobre o corpo. Porém, essa gama de informações está, na maioria das vezes, apenas vinculada a questões de estética, ficando óbvia a transmissão do que é o belo e do que é o feio dentro de nossa cultura.

Os jovens dentro dessa perspectivas são uma presa fácil de manipulação e criação de dogmas sobre o corpo. “Afirmar que a televisão exerce muita influencia sobre os/as jovens é correto, já que a juventude contemporânea nasceu e cresceu imersa na cultura midiática, mais fortemente imersa na cultura televisiva” (SILVA & SOARES, 2003, p.85).

A influência que os meios de comunicação detém sobre os jovens é tão grande que verifica-se cada vez a procura desse publico por “objetos” que de certa forma embelezem seus corpos e os tornem populares dentro do grupo em que vivem.

O corpo como objeto de simples manipulação apresenta características que o torna cada vez mais cheio de valores e significados. Podemos salientar a questão das revistas de conduta do corpo, quero dizer, as revistas que oferecem formulas milagrosas para deixar o corpo como você sempre quis, ou quem sabe como os meios externos sempre o quiseram. Essas revistas possuem em seu publico alvo o sexo feminino e se utilizam dos mais variados artificios para convencer que o corpo perfeito não é apenas uma ilusão, mas através de um pouco de esforço e determinação, “sacrifícios”, o tão desejado corpo se materializa na sua vida. “Os discursos das revistas para mulheres e meninas me parece que se equivalem, de alguma forma, repetindo receitas e dicas para atingirem aquele corpo que é representado na mídia como ‘ideal’” (ANDRADE, 2003, p.111).

Partindo por esse viés notamos que o investimento industrial no que diz respeito a produtos embelezadores do corpo são cada vez maiores, e alcançam valores que fazem com que tal industria cresça num ritmo muito acelerado. As mulheres são dentro dessa perspectiva consumidoras em potencial e os produtos são pensados e idealizados para atender, na grande maioria das vezes, a esse publico. “Adornos, cosméticos, roupas inteligentes, tatuagens, próteses, dietas, suplementos alimentares, academias, cirurgias

estéticas, medicamentos e drogas químicas fazem parte de um sem número de saberes, produtos e práticas a investir no corpo produzindo-o diariamente” (GOELLNER, 2003, p.30).

Outro ponto que está extremamente ligado com a mídia é a indústria publicitária. “Freqüentemente, os anúncios publicitários ensinam modos de conduta para pessoas de todas as faixas etárias, delimitando espaços, traçando caminhos, configurando identidades” (SALAT, 2003, p.152).

Desse modo devemos salientar que um mero anúncio publicitário também faz parte da construção de uma cultura, da criação de identidades, da produção de uma história.

“Se, ainda que inicialmente, lançarmos um olhar comparativo aos anúncios publicitários que nos são apresentados diariamente através da mídia, observamos que eles estão marcados por representações acerca das relações de gênero, apresentando sexualidades, modos de comportamento, tipos de corpos, diferentes estilos de vida. Estes são alguns dos elementos mais comumente encontrados nos anúncios publicitários. Neles o que vemos são representações de modelos legitimados socialmente que, ao mesmo tempo, podem conter novos modelos ainda em busca da legitimação” (SALAT, 2003, p.154).

Assim dentro do contexto das mídias devemos considerar a importância de cada uma delas para a construção sócio-cultural, pois “filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exhibe ou pelo que ocultam” (GOELLNER, 2003 p.29).

Abrangendo um pouco mais essa temática, o que falar das questões referentes à mídia dentro do ambiente escolar. Devemos ter a ciência que os alunos estão sendo influenciados diariamente pela mídia e que tal assunto deve ser abordado dentro das aulas, já que “a escola é um espaço de relações sociais e não somente um espaço cognitivo. As relações sociais referem-se ao fato de a escola ser tanto um local de encontro entre jovens, quanto um local que tem relações com a mídia e outros espaços culturais” (SILVA & SOARES, 2003, p.90).

É notável que dentro de uma aula de educação física, por exemplo, prevalecera possivelmente nos meninos a preocupação de se parecer com um personagem de grande

relevância no universo esportivo “seus modelos de competidores são sempre os vencedores, os jogadores de futebol de grandes times, ricos, famosos, cortejados pela mídia e por belas mulheres” (SILVA & SOARES, 2003, p.85). Já para as meninas parecer-se com alguma modelo ou se comparar com determinada personagem que possui um “corpo perfeito” nos padrões impostos pela mídia, ou buscar tal corpo pode parecer algo único dentro do universo dessa menina, pois “a conquista de um corpo mais magro e mais de acordo com os padrões estéticos atuais é premissa de uma maior auto-estima” (ANDRADE, 2003, p.113).

Levando em consideração essas premissas parece que a escola como instituição que deve formar o indivíduo como um todo, está alheia a estes movimentos que fazem com que a mídia ofereça tanta influência perante os alunos. Faz-se necessário que dentro das aulas, não somente as de educação física, ou de determinada matéria específica, ocorra a discussão sobre as indústrias que efetivamente produzem uma cultura e educam para valores e normas que muitas vezes são apenas seguidos e influenciadores de uma sociedade acrítica.

Tendo em vista toda essa discussão sobre o papel da mídia na reprodução de um estereótipo de corpo perfeito temos que ter a ciência que “um corpo não é só um corpo. É ainda, o conjunto de signos que compõe sua produção” (GOELLNER, 2003, p.37). Dessa forma “o corpo não somente o infantil, está constantemente aprendendo na relação, na interação com o outro – a família, o grupo de amizade, o par amoroso, e este outro pode materializar-se ainda, através da televisão, dos livros, da Internet, das revistas, enfim, da mídia de um modo geral e dos modelos idealizados que apresenta” (ANDRADE, 2003, p.108).

A valorização do corpo “ideal” está intimamente ligada aos padrões pré-estabelecidos pelas diversas mídias. Com isso, notamos que cada vez mais ocorre a venda de uma imagem saudável do corpo. Esse corpo que no passado era vigiado, fechado, negado a exposição, hoje ganha liberdade de movimento, ao mesmo tempo que é repudiado se não possui as normas impostas pela sociedade.

“A promessa de uma vida mais longa e saudável é acompanhada, por exemplo, de inúmeros discursos e representações que auto-regulam o indivíduo tornando-o, muitas vezes, vigia de si próprio. A ênfase na liberdade do corpo no que respeita a sua exposição e desnudamento nos espaços públicos caminha passo a passo com a valorização dos corpos enxutos e “em forma” onde o excesso, mais que rejeitado, é visto, por vezes, como resultado da disciplina e da falta de cuidado” (GOELLNER, 2003, p.38-39).

Contudo é necessário salientar que se vive num paradoxo. Como conseguir um padrão de corpo, um padrão de beleza, enfim, se ter um corpo chamado de “ideal” se vivemos numa sociedade extremamente mutável.

“Os ensinamentos produzidos e reproduzidos pelas instancias midiáticas conformam determinados tipos de corpos como “ideais”. Assim as pessoas passam a vida inteira buscando alcançar este corpo “modelo”, mas ele sempre escapa porque nunca é o mesmo. As representações em torno dele alteram-se, modificam-se de acordo com referencias históricas e culturais. Do mesmo modo, os conhecimentos que a mídia apresenta como “verdadeiros” também são modificados de acordo com interesses econômicos, políticos e sociais” (ANDRADE, 2003, p.119-120).

2.3 INDÚSTRIA CULTURAL E A “BANALIZAÇÃO” DO CORPO

Quando se fala em Indústria Cultural, é importante destacar que ela é fruto de uma sociedade capitalista industrializada, onde até mesmo a cultura é vista como produto a ser comercializado. Mas o que é Indústria Cultural? Podemos dizer que é tudo o que é produzido pelo sistema industrializado de produção cultural (TV, rádio, jornal, revistas, etc.) elaborado de forma a influenciar, aumentar o consumo, transformar hábitos, educar, informar, pretendendo-se ainda, em alguns casos ser capaz de atingir a sociedade como todo.

Com seus produtos, a Indústria Cultural pratica o reforço das normas sociais, repetidas vezes até a exaustão, sem discussão. Ela fabrica seus produtos com a finalidade de: a) serem trocados por moeda, b) promover a deturpação e a degradação do gosto popular, c) obter uma atitude sempre passiva do consumidor simplificando ao máximo seus produtos. Eles são construídos propositadamente para um consumo descontraído, não comprometedor. Segundo Adorno (1944) cada um desses produtos reflete o mecanismo

econômico que domina o tempo do trabalho e o tempo do lazer. O consumo desses produtos, pode levar à alienação/revelação, entendido como um processo no qual o indivíduo é levado a não meditar sobre si mesmo e sobre a totalidade do meio social a seu redor, transformando-o com isso em mero joguete e, afinal, em simples produto para alimentar o sistema que o envolve.

Tendo em mente que a sociedade capitalista da qual somos frutos e produtos não podemos deixar de esclarecer a relação existente entre a sociedade e a mídia, representada pelos meios de comunicação de massa. Aliado a isso é possível verificar como a indústria cultural, tão em voga atualmente, exerce um papel singular dentro da produção de meios de consumo. Age de forma contundente na vida das pessoas atuando como criadora direta de normas e padrões que são seguidos por toda a sociedade, estabelecendo condutas e atitudes nas mais diferentes situações. Diante disso, nota-se que esta enaltecesse o belo, retratando o que de certa forma vende e conseqüentemente gera lucro e riqueza, que por sua vez apresenta-se tão longe de quem a produz devido as diferenças gritantes entre as classes sociais.

A indústria cultural como se apresenta hoje, mostra um lado perverso e ao mesmo tempo benévolo. A indústria cultural ao passar um comercial chamativo, que retrata um mundo lindo cheio de oportunidades, criando assim, uma ilusão para o telespectador que os assiste a determinado comercial, transformando tais idéias nos seus, como uma espécie de sonho(s) e fantasia(s). Voltando à sua realidade o mesmo telespectador se vê impotente perante aquilo que acabará de ver, pois o mesmo mecanismo que transmite o sonho, não proporciona a equidade social à população, trazendo-o do sonho para a realidade em questão de instantes. Diante disso, notamos que a publicidade atinge todos os indivíduos de uma sociedade. Contudo, percebe-se que a mulher é vista como uma consumidora em potencial, conseqüentemente sua imagem é atrelada tanto a produtos intimamente femininos, como também a produtos que ressaltem aspectos familiares e logicamente utiliza-se de igual forma, da exploração de sua sexualidade para vender os

mais variados produtos, ou seja, (a um chamamento do corpo como mercadoria). “Dessa forma, utiliza a mulher para conseguir seus objetivos e, em inúmeros anúncios publicitários, seu corpo aparece associado à saúde, a natureza e em alguns outros, à uma idéia de prazer erótico, ligando o produto a ser consumido com momentos de prazer” (CHAGAS, 1994, p.256).

Além disso, verifica-se ainda que a publicidade muitas vezes exalta a estereotipia dos devidos papéis que homens e mulheres devem ter perante a sociedade, ficando evidenciado que as questões de gênero estão ligadas diretamente com o que se quer comercializar. Destaca-se que a mulher assume papel ímpar dentro dessa situação, já que como citado anteriormente, a mulher pode servir como garota propaganda dos mais variados produtos existentes, demonstrando portanto que sua imagem pode ser facilmente ligada à venda de produtos “tipicamente” femininos como também pode ser utilizada para a comercialização de produtos masculinos, atrelando assim a sua imagem como uma fonte interminável de possibilidades de venda e comercialização dos mais variados artigos.

“Em relação aos papéis sexuais, a propaganda atua no sentido de reforçá-los na medida que padroniza comportamentos via manipulação do imaginário, onde os produtos são anunciados de modo a manter e legitimar o que é próprio do homem, da mulher, da criança, do adolescente e idoso. A mulher, pelas suas características “naturais” de sedução, cabe anunciar produtos que, por um lado, enfatizam o seu papel preponderante na esfera privada enquanto mãe e esposa dedicada e, nesse sentido assume papel de núcleo integrador da família e seu corpo assexuado e asséptico não comporta o jogo da atração. Seduz, pela sua “capacidade” de administrar a esfera do privado sem perder a elegância e beleza “singela, pura e discreta”, como geralmente cabe às mães. Por outro lado, em outras esferas, normalmente públicas, são ressaltados seus “poderes diabólicos” de atrair pela forma, de seduzir pelo aparente, pelo inatingível, aliais, a via única que permite o acesso chama-se fantasia. Dessa forma, erotiza os produtos pela mediação de quem os oferece” (CHAGAS, 1994, p. 257).

Pode-se retratar ainda o quanto à indústria cultural faz com que exista uma exposição do corpo dentro das propagandas e comerciais, verificando a obrigação de se ter, (obter) um corpo “esteticamente perfeito”, que retrate uma saúde ligada a aspectos estéticos. Desse modo, é perceptível a visão utilitarista com que a mídia expõe o corpo humano, transformado-o em mero objeto de prazer e deleite de uma massa popular alienada e acrítica.

Corpos harmoniosos e bonitos retratam o estereótipo de um padrão de beleza pré-definido pela mídia, que faz com que a sociedade absorva seus conceitos e sinta-se na obrigação de “adquirir” um corpo nos mesmos moldes dos anunciados, vendidos pelos meios de comunicação de massa. A corrida às academias de ginástica e musculação torna-se uma confirmação da influência que a mídia tem sobre as pessoas, “assim como os *shoppings centers* são os templos do consumo, da modernidade, as academias de ginástica e musculação são, por excelência, os templos contemporâneos de celebração do domínio e do sacrifício do corpo”(VAZ, 2003, p.66).

Refletindo sobre a frase mencionada acima podemos apontar duas situações distintas que se complementam. Num primeiro momento podemos nos reportar apenas para as questões dos bens de consumo ou para aspectos mercadológicos que fazem com que as mais variadas “coisas” existentes tornem-se objetos de desejo e porque não de fetiche.

Com a grande quantidade de anúncios, propagandas e comerciais os *shoppings* ou os mais diferentes tipos de comércio, conseguem atrair a população para adquirir os mais variados produtos existentes no mercado. A “obrigação” de se ter um tênis, camiseta, TV, som, enfim, qualquer tipo de instrumento que possibilite, mesmo que por instantes, o prazer à satisfação de quem compra é muito grande. Tal é a sedução que faz com que a imagem deste produto esteja associada a um objeto que pareça saudável ou que desperte o desejo, tornando-o importante para aquele consumidor, ou seja, fazendo-o acreditar que aquilo que *a priori* era desnecessário, torne-se necessário e responsável por momentos passageiros de satisfação e prazer. Tanto é assim que, muitas vezes “o comprar” pode se tornar uma válvula de escape para situações desagradáveis vividas na era contemporânea, por exemplo, para aliviar o estresse gerado pela correria do dia-a-dia um indivíduo qualquer utiliza-se de seu fim de semana ou como momentos direcionados para “comprar” momentos de prazer aliviando assim as tensões de sua vida atarefada e cheia de compromissos.

A indústria cultural, como um fenômeno cultural que produz e reproduz valores da sociedade contemporânea sabendo das diversas “lacunas” existentes nas pessoas,

(afetivas, emocionais, financeiras, sociais), utiliza-se de mecanismos para prender a atenção e fazer com que os mais variados grupos visualizem em determinado objeto, que lhes pode proporcionar prazer, a necessidade de tê-lo, criando uma imagem que atente as carências de seu público alvo desenhando em seus anúncios o que o indivíduo sente falta (produz desejo), tornando possível que com um simples comercial a procura de determinado produto torne-se instantânea, afinal, satisfará o desejo de milhares, de forma que estes milhares acreditem que estão sendo únicos.

Em um segundo momento e tento seguir a mesma linha de raciocínio, podemos inferir que a corrida as academias de musculação, como aponta Vaz, segue a mesma lógica da indústria cultural que utiliza-se da mesma maneira da mídia e dos meios de comunicação de massa para propagar a idéia de um corpo “esteticamente perfeito” que atenda as exigências de uma sociedade que se preocupa constantemente com o que é belo e com o que não é, sendo fácil de apontar a “padronização da beleza” como um objeto que gera riqueza e lucro para a chamada indústria cultural.

Dentro das academias de ginástica e musculação muitas vezes percebemos o culto ao corpo, a comemoração por alguns centímetros e gramas a menos, no caso de quem busca emagrecer, ou a mais, no caso de quem busca ficar “sarado”. Logicamente não devemos esquecer que existem pessoas que buscam as academias para simplesmente levar uma vida saudável, realizando algumas atividades físicas ou ainda quem precisa desempenhar tal atividade por uma questão de orientação médica. Contudo, devemos observar de forma singular a questão do culto ao corpo. “O processo de racionalização do corpo, que encontra no esporte e no treinamento corporal que lhe corresponde uma de suas expressões privilegiadas, ter como desdobramento necessário a sua reificação, sua transformação em objeto manipulável, operável, medido, programado, algo que, aliás, qualquer anatomista, preparador físico ou mesmo atleta sabe como funciona ” (VAZ, 2003, p.65)

Sem distinção de sexo e falando exclusivamente do culto ao corpo “esteticamente perfeito”, percebe-se, muitas vezes, que a indústria cultural aliada com os meios de

comunicação de massa conseguem atingir tanto homens quanto as mulheres na questão aqui levantada.

Falando primeiramente dos homens já estabilizados profissionalmente e com um eixo familiar definido, notamos que estes buscam obter um corpo que, segundo o que se vende, trará mais felicidade e realizações tanto profissionais quanto familiares e afetivas. Um homem, que pratica o seu exercício regularmente conseguirá desempenhar-se melhor no seu trabalho, será um exemplo de pai e marido, pode-se dizer que será um exemplo para a sociedade. Falando dos homens mais jovens, ressalta-se que estes buscam a qualquer preço (às vezes utilizam-se até de meios ilícitos) ter um corpo forte e definido, que os torne símbolos de virilidade e disposição e quem sabe de saúde.

Falando das mulheres, podemos verificar semelhantes aspectos com relação aos apresentados aos homens, com um agravante, talvez a necessidade de se obter um corpo “esteticamente perfeito” pelas mulheres seja, ainda, mais difundido e propagado do que quando se fala no corpo masculino. “Ao produzir subjetividades femininas voltadas para a busca do corpo belo, jovem e saudável, a mídia alerta para a necessidade de uma rígida e controlada disciplina corporal que ataca desde o controle alimentar até os exercícios físicos cientificamente recomendados” (CHAGAS, 1994, p.258).

Da forma que a mídia divulga o corpo feminino, cada vez mais as mulheres buscam ter os corpos anunciados em propagandas e comerciais que geralmente são feitos por símbolos de beleza física e sensualidade, atrizes, modelos e dançarinas que têm sua imagem difundida por todas as partes, ressaltando a importância de se ter um corpo “esteticamente perfeito”. Com isso, nota-se muitas vezes, que a procura pelas academias de ginástica e musculação tornam-se cada vez mais precoce quando falamos das mulheres, pois a indústria cultural juntamente com os meios de comunicação de massa criam os mais variados artifícios que mexem com a subjetividade das mulheres, fazendo com que estas sintam-se na obrigação de adquirir o padrão de beleza físico difundido por tais meios.

“A mídia, através dos anúncios publicitários, dos discursos sobre o corpo, cria nas espectadoras, via imagem corporal, o desejo do corpo belo, atrelado ao ideal de prazer e juventude onde estes constituem a promessa que jamais será cumprida e que o enredo tratou de garantir indefinidamente. Estes corpos, coisificados nos anúncios, vendem não somente o produto anunciado, mas transformam-se, eles próprios, em produtos forjadores dos ideais de ego, enunciadores e detentores das formulas mágicas do sucesso e da idéia de vida feliz. As mulheres vendem seus corpos ao sistema produtivo e produzem ao mesmo tempo, subjetividades massificadas, voltadas para o consumo do supérfluo, para o reforço dos “poderes” historicamente atribuídos às mulheres nas sociedades patriarcais, entre eles, o da sedução (na ordem do atributo externo), em todos os níveis sociais (publico e privado)” (CHAGAS, 1994, p. 259).

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado com a metodologia qualitativa de estudos de casos fundamentando em Stake (1998) que assinala que o estudo de caso é uma oportunidade de ver o que os outros ainda não viram, de repensar sobre a unicidade de nossas próprias vidas, de dedicar nossas melhores capacidades interpretativas e de fazer uma defesa, mesmo que seja só pela sua integridade, dos elementos que apreciamos, que no caso deste estudo são as relações de gênero nas aulas de Educação Física.

Segundo Guba e Lincoln (1981)¹ o estudo de caso permite descobrir as propriedades das aulas, a qual, pertence o caso estudado.

A perspectiva qualitativa de estudos de casos é altamente valorizada para estudar com profundidade algum tema, pessoa ou programa. De acordo com Stenhouse (1987:83): “...o estudo de casos pode ser uma sistematização da experiência dentro da qual as interpretações são criticamente manejadas, com a finalidade de evitar que estas experiências sejam distorcidas.”

“Dessa forma o termo qualitativo é empregado para sustentar um leque de técnicas de investigação centradas em procedimentos hermenêuticos que tratam de descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana.” (NETO, 1999, p.112).

Podemos notar que “no âmbito educativo, o estudo de caso pode ser definido como sendo aquele que se ocupa da compreensão de uma ação educativa em uma dimensão específica. Poderá ter seu eixo de interesse centrado na própria ação examinada ou no impacto produzido por ela, sendo definido o âmbito e o contexto focalizados” (MOLINA, 1999, p.98).

Pensando e partindo da ótica do estudo de caso qualitativo este trabalho traz como fundamentação teórica e norteadora o gênero numa perspectiva pós-estruturalista possibilitando assim ampliar os conhecimentos sobre o tema aqui pesquisado, ou seja, as

¹ Citado por Pérez Serrano (1994:83)

questões referentes à mídia, gênero e a Educação Física escolar, pois, “o estudo de um caso sempre interessa a quem o faz e à comunidade científica interessada nos estudos desde a perspectiva teórica do investigador.

O tratar com a perspectiva teórica do pós-estruturalismo tornou problemático nossas formas de conceber as coisas da realidade e neste caso em especial, aquelas que se relacionam com o gênero, isto é, significa entender os fenômenos humanos em sua indeterminação, em sua complexidade, em sua diversidade, em sua não-linearidade.

O estudo de caso pode contribuir também à teoria ao permitir explicar como as abstrações teóricas se relacionam com as percepções de sentido comum da vida cotidiana” (MOLINA, 1999, p.101). Além disso, é “na interação desenvolvida pela atividade investigadora, investigador-investigado ensinam, um ao outro, por meio dos signos apreendidos da realidade que lhes circunda e nas expectativas de como gostariam que ela fosse” (NETO, 1999, p.116).

No trabalho em questão, primeiramente, para se ter o devido aporte sobre a temática de gênero, recorri a literatura da área para o respaldo teórico sobre o assunto, possibilitando desse modo um aprofundamento consciente de teorias que tratam diretamente ou indiretamente do tema. O levantamento de tais informações teóricas é fundamental para que seja possível posteriormente confrontar as informações com observações, entrevistas e conversas informais que constituíram, posso assim dizer, um segundo momento nesta pesquisa, pois foram os aprofundamentos iniciais que me possibilitaram refletir sobre a temática da mídia, gênero e Educação Física escolar.

3.1 CONTEXTO INVESTIGADO

As observações das aulas de Educação Física no ambiente de uma instituição escolar foi realizada na Escola Eny Caldeira localizada na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, vinculada a rede municipal de ensino da cidade. As observações foram efetuadas com turmas da quarta série do ensino fundamental.

Utilizei-me das observações, pois acredito que a partir deste momento os alunos e alunas começam a se deparar com maior ênfase com assuntos relacionados ao gênero/sexualidade, em conjunto com o maior número de informações que chegam a eles e elas através dos vários tipos de mídia.

Notei também que a partir desse momento os alunos e alunas começaram a discernir e relacionar os assuntos que são relevantes para a suas vivências na sociedade que habitam, ficando de certa forma mais atentos/as ao “mundo que os/as cercam”, trazendo assim para a realidade escolar temas e procedimentos que, muitas vezes, foram repassados pelos meios de comunicação de massa. Minha finalidade neste estudo é a de analisar como tais manifestações são mediadas no ambiente escolar.

Tais observações tiveram o caráter de propiciar o levantamento de questões emergentes inerentes a comunidade escolar referentes as questões sobre gênero, mídia e educação física.

Em alguns casos as observações podem ter o caráter participativo, abrindo espaço para conversas do investigador com os alunos e alunas e com a docente ministrante das aulas de Educação Física. Contudo, é necessário neste tipo de pesquisa ter cuidado para não ocorrer interpretações errôneas de informações pois “a observação participante demanda grande complexidade em seu entendimento, desenvolvimento e uso, tendo a vantagem de facilitar o estudo social e o acesso a informação restringida e, em troca tem como inconvenientes a interferência maximizada da subjetividade do observador e observado” (NETO, 1999, p. 126).

Assim, este trabalho teve como objetivo, aliado ao devido respaldo teórico, trazer as problemáticas emergentes na prática da educação física escolar referentes a mídia e as questões de gênero de modo a questionar como acontece a mediação da professora de educação física. Para isso, foi utilizada a metodologia do estudo de caso qualitativo, já que “a grande vantagem de um estudo de caso qualitativo é o fato desse conectar-se rapidamente com a realidade, ou seja, possibilitar mais a interação teoria-prática e, por isso, afastar mais o risco de simplificações” (MOLINA, 1999, p.99).

Nesse momento, acredito ser importante fazer uma breve descrição do ambiente que encontrei dentro da instituição de ensino, para localizar o leitor e/ou a leitora e também para que possam analisar o contexto do qual falo e interpreto sob a luz das teorias de gênero.

A escola municipal Eny Caldeira, tem uma boa localização geográfica, e parece atender um público da chamada “classe trabalhadora”. A estrutura da escola é interessante, pois as salas de aulas são bem distribuídas, com uma gama de materiais didáticos, carteiras e cadeiras em boas condições. Enfim, uma estrutura que é encontrada em todas as escolas públicas municipais da cidade de Curitiba.

Com relação ao espaço físico podemos dizer que este é bem repartido e amplo. Além das salas de aula existem ainda dois pátios concretados, uma quadra poliesportiva, uma quadra de vôlei de areia, um amplo gramado arborizado (como se fosse um pequeno bosque) e um pátio coberto bem amplo. Há ainda ao lado da escola um campo de areia, que também pode ser utilizado pelos alunos e alunas da escola, desde que acompanhados/as de algum professor/a.

Com relação à educação física podemos dizer que possui uma boa quantidade de materiais. Na sala de educação física podemos verificar muitos e diversos jogos de tabuleiro, muitas bolas (as pequenas de borrachas chegam a possibilitar que cada aluno/a fique com uma durante a aula), cordas, bambolês, além do espaço físico já relatado anteriormente.

Falando especificamente do ambiente escolar, notei que é preservado a pontualidade. As aulas no período da manhã, período onde se deu as observações, começam as 07:30 horas e terminam as 11:30 horas. Há um ordenamento disciplinar como diria Michel Foucault, pois antes das aulas e após o intervalo (recreio), os alunos e alunas precisam formar filas no pátio para que as respectivas professoras de cada turma leve ordenadamente os alunos e alunas para a sala de aula. Digo professoras, pois a maioria do corpo docente das primeiras séries do ensino fundamental são professoras, mulheres.

Nos momentos em que os alunos e alunas estão em horários livres, como no recreio, é visível manifestações de alguns estereótipos vinculados à mídia e a questões de gênero. É comum nas brincadeiras os meninos vincularem sua imagem a algum atleta de futebol usando roupas de tal modalidade e agindo com trejeitos típicos de atletas que praticam tal modalidade. Nas meninas foi visível brincadeiras onde grupos ensaiam coreografias das músicas que tocam em novelas ou que são propagadas com frequência nas rádios. Existem também as brincadeiras que meninos e meninas participam junto, onde notei que a brincadeira denominada como “menina pega menino” ou vice-versa é a preferida pelos alunos.

Percebi também que um grupo de estagiários que fazia uma intervenção na escola era frequentemente abordado pelas meninas que perguntavam se estes tinham namorada ou apontavam que determinada colega queria namorar com um deles. Notei também que frequentemente ocorre algum tipo de briga entre os alunos durante o recreio, sempre interrompido por alguma inspetora da escola. O que nos dá indícios do local que sempre está buscando a ordem.

No decorrer das aulas percebi que os alunos apresentam-se bastante ativos, fazendo perguntas com frequência à professora. Que sempre procura atender a todos, valendo-se de ressalva que não trata todos da mesma forma.

Ao final das atividades matutinas, na saída das aulas notei uma grande movimentação na frente da escola, como na entrada. Alguns saem sozinhos, muitos e muitas saem em grupos, resumindo é um alvoroço, pois vários pais vêm trazer e buscar os filhos e filhas na escola.

De forma sucinta essa é uma pequena descrição do ambiente que encontrei dentro da escola. A seguir segue como estruturei o roteiro das observações que será esmiuçado com mais aprofundamento na discussão desse trabalho.

3.2 ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dia:

Hora:

Professora:

A: Espaço Físico

Localização temporal e espacial:

Definição do ambiente na situação observada:

Processos de Interação

O que dizem?

Como se diz?

Quais são os materiais curriculares utilizados?

Estereótipo de gênero

Atitudes sexistas - discriminatórias

Papel da professora

- 1 - Dá pauta
- 2 - Negocia critérios
- 3 - Impõe critérios
- 4 - Facilita recursos
- 5 - Faz questionamentos
- 6 - Explica os conteúdos - esclarece as dúvidas
- 7 - Avaliação coerente com a teoria
- 8 - Rotinas
- 09 - Nível de entrada na habilidade - acesso - participação
- 10 - Trabalha com a experiência das alunas/os
- 11 - Interação aluno(a) - aluno(a) / professor(a) - aluno(a)
- 12 - Trabalha as diferenças sexo/gênero

Papel do/a aluna/o

- 1 - fazem questionamentos
- 2 - são meros receptores - executores
- 3 - co-participam das decisões
- 4 - administram suas próprias atividades

Observações gerais

Espaço físico:

Atores/as: as pessoas envolvidas

Atividade:

Objeto: as coisas físicas que estão presentes

Do que se fala?

Como se fala?

Conversas informais com a professora

Porque resolveu fazer educação física?

Gosta do que faz?

Perspectivas futuras?

Realidade escolar?

Prática X Teórica acadêmica?

4 OBSERVAÇÕES

4.1 PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO

A primeira visita à escola Eny Caldeira, acredito já ter sido bem interessante, pois algumas temáticas que ao longo da caminhada acadêmica foram alvo de debates em sala de aula puderam ser visualizadas na prática. Contudo, *a priori*, pretendendo relatar as informações acerca da escola, para que *a posteriori* fale especificamente dos pontos que me chamaram atenção no que tange as diferenças entre os debates acadêmicos e a realidade escolar.

A escola está bem localizada e dá a impressão que a maioria de alunos e alunas são de “classe trabalhadora”. A estrutura da escola é interessante, pois as salas de aulas são bem distribuídas, com uma gama de materiais didáticos, carteiras e cadeiras em bom estado de conservação. Enfim uma estrutura que não se encontra em todas as escolas públicas de Curitiba.

Com relação ao espaço físico podemos dizer que este é bem distribuído e bem amplo. Além das salas de aula existem ainda dois pátios amplos de concreto, uma quadra poliesportiva, uma quadra de vôlei de areia, um amplo gramado (como se fosse um pequeno bosque), e ainda um pátio coberto, também bem amplo. Há ainda ao lado da escola um campo de areia, que também pode ser utilizado pelos alunos e alunas da escola, desde que com o acompanhamento de algum professor ou professora.

Com relação à educação física podemos dizer que possui uma boa quantidade de materiais. Dentro da sala de educação física podemos verificar muitos jogos de tabuleiro (jogos diversos), muitas bolas (as pequenas de borrachas chegam a possibilitar que cada aluno/a fique com uma durante a aula), cordas, bambolês. Uma quantidade de matérias que não são todas as escolas públicas que possuem.

O corpo administrativo e docente da escola se mostrou muito “simpático” e aberto para as observações. Atenderam e disponibilizaram as instalações da escola para a prática

das observações, sem qualquer tipo de restrição. Desse modo o acesso a realização do presente trabalho aconteceu num clima ameno.

Falando especificamente da aula de Educação Física a professora me mostrou como trabalha, apresentou-me a todas as turmas e sempre descreveu um pouco delas para mim. Nesta primeira visita a professora com todas as turmas trabalhou com duas brincadeiras de roda, sendo que antes das brincadeiras ela pediu para os alunos/as correrem um pouco em torno da quadra. Na primeira brincadeira, a professora dava um número para cada aluno/a, em duas rodas distintas, uma bola ficava localizada no centro de cada roda, conforme o número que a professora chamava o aluno ou aluna que tinha o respectivo número precisava levantar, pegar a bola, e dar uma volta em torno da roda, sentar, e colocar a bola no centro. Quem fizesse mais rápido ganhava. Na segunda brincadeira, também em rodas, alunos e alunas precisavam passar um bambolês em torno do círculo, a turma que terminasse antes ganhava. O restante da aula a professora deixou livre para brincarem.

Relatando o contraste existente entre alguns debates acadêmicos e a prática em si, verifiquei uma cena da professora no mínimo “curiosa”.

Em uma das turmas pude notar a presença de um aluno hiperativo, segundo a professora o único que lhe dava trabalho.

Durante a aula desse aluno a professora me levou até a sala de educação física para mostrar como ela era, mostrar os materiais disponíveis, enquanto isso os alunos/as corriam na quadra, “os meninos na linha branca e as meninas na linha amarela”...Então, tal aluno (o hiperativo) chegou até a sala e disse que um colega falou que ele não poderia ficar na fila dos meninos, tinha que ficar na fila das meninas. A professora prontamente disse para ele não ligar e voltar a correr na fila dos meninos. Quando ele voltou a correr a professora se dirigiu a mim e chamou ele literalmente de “bicha”. Dizendo que de fato que ele tinha que correr na fila das meninas. Falou em tom irônico, fazendo uma espécie de brincadeira. Desse ato da professora entendi que, muitas vezes, o que é tratado nos debates acadêmicos não se enquadra a realidade escolar. Contudo, vale de ressalva que a professora não teve nenhuma atitude discriminatória perante a turma, apenas em tom de

brincadeira para o chamado “observador”. Fato que irei tecer comentários na análise da experiência vivida na escola.

Por fim, falarei um pouco do recreio. No recreio pude perceber que os alunos/as podem brincar a vontade, utilizam-se de todo espaço físico da escola. Muitas vezes, me deparei com “briguinhas” entre meninos e meninas, ou entre meninos. Contudo, as brincadeiras de modo geral, eram bem organizadas, os meninos com o futebol ou correndo para todo lado, e as meninas mais paradas com brincadeiras de roda ou conversando. O que chamou a atenção é que a escola não possui sinal para acabar o recreio este intervalo termina quando soa a voz de uma professora no microfone, daí os alunos e alunas fazem as filas para entrar na sala de aula em uma organização impressionante.

4.2 SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO

Neste dia, devido ao mau tempo da manhã, a professora realizou as duas primeiras aulas dentro da sala de aula, proporcionando orientações para o trabalho sobre a copa do mundo que os alunos e alunas precisavam realizar.

Primeiramente a professora avisou aos alunos/as que devido ao mau tempo eles e elas ficariam dentro da sala de aula. Lembrou que na próxima semana seriam realizados os jogos cooperativos e continuou a explicação do trabalho sobre a copa do mundo.

A professora separou os grupos dos trabalhos e foi explicando quais informações não poderiam faltar dentro do trabalho. Na verdade cada grupo de quatro alunos/as ficaram responsáveis por buscar informações acerca de um determinado país que estaria presente na copa do mundo como: bandeira, população, mapa, capital e idioma. Assim sendo, para que na próxima aula de educação física a turma montasse um painel com as informações levantadas pelos alunos e alunas.

As duas aulas anteriores ao recreio foram idênticas, notando-se que na primeira turma mostrou-se mais organizada atendendo prontamente as solicitações da professora. Rapidamente organizaram-se em grupos e começaram a pensar como iriam realizar a

divisão do trabalho ou o que cada integrante do grupo ia realizar. A segunda turma mostrou-se mais agitada, não conseguiram se organizar em grupo prontamente, só depois que a professora chamou a atenção deles e delas. Essa turma também ficou mais livre dentro da sala de aula, isto é, vários alunos se dispersaram e ficaram fazendo brincadeiras com os colegas de classe.

Durante o recreio percebeu-se a mesma “festa” da semana passada, com muitas brincadeiras, muita correria e vários “conflitos”, quero dizer aquelas brincadeiras de agarrar que quase a totalidade das crianças já vivenciaram alguma vez na vida. Daí que percebi que tais brincadeiras são muito evidentes inclusive entre menino e menina, e por incrível que possa parecer na maioria das vezes quem está tendo algum tipo de manifestação violenta é a menina perante o menino, revidando é claro as provocações dos meninos.

Outro ponto que observei nessa observação foi que durante o recreio é os alunos ficaram muito próximos aos “tio novos” (os estagiários, que fazem sua prática de ensino na escola), os meninos querem saber se eles sabem jogar futebol e ficam todos empolgados quando os “estagiários” fazem alguns controles de bola diferentes, parecidos com os que jogadores profissionais fazem, e as meninas, como já alertado anteriormente pela direção da escola e pela docente desta disciplina, ficam olhando com “admiração” (não sei se este é o termo). Contudo, tal atitude só apareceu durante o recreio e ainda assim de modo esparso.

Depois do recreio, como havia melhorado o tempo as turmas tiveram aula no pátio da escola. Evidencio que as aulas foram idênticas as das turmas que fizeram aula de educação física dentro da sala de aula. Somente uma das turmas mostrou-se totalmente dispersa (a professora quase levou-os para a sala de aula). Porém, a outra mostrou-se super-atenciosa, onde alguns alunos já apresentavam as pesquisas que tinham feito em casa a respeito dos países que vão para a copa do mundo.

4.3 TERCEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO

Neste dia estavam sendo realizados os jogos cooperativos. Várias escolas se deslocaram até a escola Eny Caldeira, já que a escola possui ampla estrutura para realizar tais jogos. Além disso, ao lado da mesma encontra-se localizado um órgão da prefeitura no qual mais duas quadras puderam ser utilizadas para a prática de tais atividades.

Neste dia as turmas não tiveram aula de educação física, pois todas as atenções estavam voltadas para os jogos. Os jogos desenvolvidos consistiam no futebol e no caçador, sendo que o vôlei não pode ser realizado, pois a quadra de vôlei estava em mal estado devido às chuvas que tinham ocorrido no dia anterior.

Os jogos eram adaptados e cooperativos. No futebol meninos e meninas jogavam juntos, sendo que os alunos tinham que jogar de mãos dadas, um ajudando o outro. O mesmo acontecia no caçador, onde não era necessário atingir os colegas mais sim derrubar os cones que estavam dispostos na quadra da equipe adversária.

Percebia-se que os alunos estavam gostando bastante das atividades e a interação era grande por grande parte deles. Contudo, em alguns momentos era perceptível que mesmo dentro das atividades alguns alunos/as pareciam estar passando por momentos de exclusão, isto é, aquele aluno/a que não “pegava na bola”, ou participava com menos intensidade da atividade ficava quieto em um canto da quadra, às vezes com as mãos cruzadas ou dentro do bolso, mostrando uma certa “insatisfação” com a atividade realizada.

O que mais me chamou a atenção dentro de todo esse contexto de jogos cooperativos foi a péssima organização de tais jogos. Chegando na escola notei que já havia no local alguns professores/as de educação física das outras escolas que iriam participar dos jogos. Contudo, parecia que havia um “deixa que o outro faça” muito grande antes dos jogos, isto é, os/as professores/as estavam no local, porém, nenhum deles/as tomava a atitude para começar a organizar os jogos, arrumar as quadras e os equipamentos para a realização das atividades.

Tal “descaso” dos professores ficou evidente no fato que relatarei a seguir. Depois de muito tempo, os professores/as resolveram montar uma quadra para o jogo de caçador no pátio da escola. Então, começaram demarcar a quadra com fita e cones. “Um fazia e o

resto olhava” e o que fez demarcou de modo equivocado. Chegou ao ponto de que os “estagiários” da prática de ensino, não agüentando tal cena, tomaram uma atitude e arrumaram a quadra. Dois “estagiários” arrumavam a quadra e o resto dos/as professores/as olhavam e ainda davam palpite.

Mais uma vez a controvérsia entre a teoria e a prática, mais uma vez o paradoxo entre os escritos acadêmicos e a realidade escolar.

4.4 QUARTO DIA DE OBSERVAÇÃO

Neste dia as turmas tiveram a aula de educação física para terminar de montar os trabalhos correspondentes a copa do mundo. Os alunos/as reuniam-se nos grupos e organizavam-se para montar um painel com a história, mapa, bandeira e informações acerca de um país que participara da copa do mundo desse ano.

A primeira turma estava bem atrasada com os trabalhos e utilizou o tempo todo da aula para montar o trabalho. Nas demais turmas os trabalhos estavam praticamente prontos e, apenas alguns grupos precisaram terminar de montar seus cartazes. Os alunos/as que já haviam feito o trabalho foram liberados para praticar atividades na quadra. Como a professora estava ocupada, colando e organizando os cartazes, os estagiários, cuidavam da turma enquanto os alunos/as realizavam atividades livres.

A professora pediu que os estagiários organizassem um caçador com os alunos/as, porém houve dificuldade para organizar tal atividade. Na verdade uma das turmas da 4ª série (a turma problema segundo a professora), é que deu bastante trabalho. Os alunos/as estavam muito agitados, “um queria falar mais que o outro”, e sempre a discordância entre opiniões prevalecia. Depois de muito tempo os estagiários conseguiram organizar o jogo que desenrolou tranquilamente.

Essa turma considerada problema tem tal denominação devido a um aluno (que já retratei anteriormente, e que a professora o chamou literalmente de “Bichinha”). Nesta mesma aula este aluno foi personagem de um desentendimento com outro aluno. Provocações de ambas as partes acarretaram em um conflito que rapidamente foi

acalmado pelos estagiários. Na verdade ocorreu um conflito verbal entre os dois alunos, nada de muito grave. Observou-se que um aluno acusou o outro (o chamado hiperativo) de que se a brincadeira não tinha começado ainda a culpa era dele. O aluno “hiperativo” não aceitou tal indagação e respondeu o colega dizendo que a culpa não era dele. Ficou agitado e partiu para cima do colega, retrucando – o e o culpando-o pela bagunça da turma. Os estagiários rapidamente controlaram a situação, sendo que, orientados pela professora os dois alunos “problemas” não participaram da atividade.

A consideração a se fazer nesse dia é que parecia uma aula “livre demais”. Sei que este não é o termo mais correto, mas parece o que se enquadra melhor dentro do contexto presenciado no dia inteiro, pois a professora não deu aula e ficou se atendo a colar cartazes. Atividade essa que poderia ser realizada rapidamente pelos próprios alunos/as. Quero levantar possíveis questões emergentes dentro das instituições escolares, aqui em especial nas aulas de educação física, pois tais questionamentos é que poderão ajudar no desenvolvimento do ensino como um todo e não apenas meras reproduções de técnicas ou conceitos pré-estabelecidos.

5 DISCUSSÃO

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CAMPO INVESTIGADO

Neste momento utilizando-me do referencial teórico levantado neste trabalho juntamente com minhas observações de campo realizadas na instituição escolar, e ainda, com minhas experiências obtidas durante meu período acadêmico levanto questões que tratam da temática referente aos aspectos de gênero na Educação Física Escolar e como a mídia e seus meios de interligação agem ou estão atuando de forma constante dentro do universo escolar.

Quero, *a priori*, deixar explícito que não pretendo fazer afirmações ou tão pouco fazer acusações escusas sobre como estão acontecendo às interligações do tema aqui referido na prática na instituição investigada. O que quero é possibilitar o levantamento de questões sobre o que a literatura aborda, expor indagações sobre o que pude presenciar dentro do campo onde se deu as minhas observações e fazer a reflexão. Retratar a realidade vivenciada na escola com o que a teoria acadêmica apresenta, possibilitando assim a verificação de possíveis paradoxos e contradições existentes entre as teorias academicistas e a prática em si na escola. Além disso, suscitar os pontos onde ocorre a interligação imediata entre tais eixos. Não quero com isso criar ou “inventar” uma pedagogia nova, correta, que atenda as dificuldades ou dúvidas existentes pelos/as profissionais que atuam nesse ambiente, mas levantar questões que outros/as professores/as encontram no seu dia-a-dia.

mas sim trazer informações que ajudem de forma coerente a prática dos professores dentro do ambiente escolar, aqui em especial nas aulas de educação física, fazendo com que estes professores tenham ciência que as dificuldades encontradas por ele são, muitas vezes, similares a de outro professor que atua em um outra realidade, e que existem possibilidades de se criar um ambiente de conexão entre as diversas realidade (sociais, econômicas, culturais), transformando, quem sabe, uma dificuldade inicial em um grande

eixo norteador para o desenvolvimento de um trabalho coeso em suas fundamentações teórico metodológicas.

Também é necessário salientar que os temas tratados no decorrer deste trabalho estão inclusos de forma ímpar na sociedade, estando estes cada vez mais pautados como objeto de estudos, sendo que a escola como parte integrante desta sociedade não deve ficar alheia a tal situação. Digo isso pois, na escola é perceptível nos alunos/as a reprodução de hábitos, de conceitos, porque não de modas, enfim, de uma gama de estereótipos que muitas vezes foram e estão sendo apenas o receptáculo de tendências ou informações perpassadas a eles/as pelos meios de comunicação, pela mídia, por partes integrantes da indústria cultural, e que, muitas vezes, vêm veiculam discriminações de gênero, ou a função destes perante a sociedade, discriminação de culturas, de raças e de credos. Deste modo é fundamental que quem atua nas instituições escolares, ou seja, seu corpo funcional em sua totalidade, esteja atento para tais manifestações, afim de que não apenas se criem mecanismos de contensão de tais expressões, e sim que atuem com inteligência, transformando o que a princípio poderia representar algum problema para a escola em um objeto de conhecimento, que trará discussões essenciais para a escola. Estas discussões devem ser propiciadas aos alunos/as para que estes/as verifiquem o quanto é interessante e perspicaz estudar os “porquês” da sociedade, do mesmo modo que faz-se relevante também criar discussões entre a comunidade escolar como um todo, professores, administradores, parte pedagógica, para possíveis verificações e levantamentos de problemáticas que atingem a instituição escola de forma geral. Para que as ações ocorram de maneira consciente e não apenas assistencialista a problematização dos temas que agem diretamente na vida de todos/as que habitam o ambiente escolar.

Para trazer à tona as problemáticas referidas na teoria e verificadas no campo de observação, dividi cada assunto aqui tratado em subtítulos, afim de uma visualização e conseqüente percepção das temáticas que são tratadas no decorrer desse trabalho e como essas se dão no contexto escolar. Todavia, vale frisar que todos os temas se interligam de forma direta cabendo sempre a necessidade de pensar os subtítulos em um todo para que se perceba a pluralidade em que a escola está imersa.

5.2 MÍDIA CONSTANTE INFLUENCIADORA DENTRO DA ESCOLA

Sabemos que a mídia exerce grande influência na sociedade e a escola como parte integrante de tal sociedade também é agente de recepção e reprodução de possíveis dogmas e tendências perpassados pelos agentes da mídia, como por exemplo: o rádio e a televisão. Assim sendo, cabe a nós ater de forma singular em assuntos referidos na mídia e a sua inserção dentro das instituições escolares.

Fazendo a interligação entre o que encontrei na prática do campo de observação e a teoria, exemplifico que através da copa do mundo da Alemanha realizada neste ano de 2006, as influências que a mídia exerceu dentro da escola. Verifiquei em relação a este evento, e quais modificações trouxe à instituição escola, tornando-se um item importante dentro do calendário escolar deste ano.

É perceptível a grande mobilização existente em épocas de grandes eventos esportivos como as olimpíadas e a copa do mundo. Como minhas observações na escola se deram no período pré-copa do mundo pude presenciar de forma direta o quanto um evento esportivo de grande porte, aliado as influências diretas dos meios de comunicação age e modifica os costumes de uma comunidade. Desse modo farei a descrição de como a escola se “preparou” para a copa do mundo da Alemanha, e como visualizei a ação da mídia sobre tal “preparação”.

Analisando a literatura e tendo uma visão qualitativa do universo que cerca as instituições de ensino chegaríamos rapidamente a conclusão que um evento esportivo poderia ser um grande eixo norteador para o desenvolvimento de uma gama de temas transversais encontrados na escola e vivenciados pelos alunos/as nas suas atividades diárias. Entretanto, não foi isso que encontrei na prática, pois o que não aconteceu na escola onde escolhi como capo de observação. Na verdade, em um primeiro momento poderia dizer que esta interligação ocorreu, pois chegando na escola verifiquei que os alunos/as faziam um trabalho sobre os países que participariam da copa do mundo. Esse trabalho era realizado pela professora de educação física da escola, sendo ele extra-classe, ou seja, os alunos/as precisariam fazer o trabalho em casa e trazer pronto para a sala de

aula, como uma forma de avaliação. Tal trabalho consistia em descrever um dos países que iria participar da copa do mundo: localidade, população, moeda, idioma, bandeira, economia, enfim, trazer informações variadas que enriqueceriam o conhecimento de todos/as os/as alunos/as da escola, já que os trabalhos iriam ficar expostos em forma de mural de modo que todos/as tivessem acesso aos conteúdos.

Em um primeiro momento foi interessante tal atitude da professora de educação física em preocupar-se com uma interdisciplinaridade, afinal um trabalho de tal porte traria informações de matérias como história e geografia para dentro do ambiente das aulas de educação física. Porém, com o passar das aulas verifiquei que talvez fosse de muito mais valia para os/as alunos/as a discussão de temas que retratassem outros aspectos da copa do mundo, como os “porquês” de tal evento esportivo movimentar o mundo inteiro, e como os agentes da mídia e os meios de comunicação em massa agem de forma direta na reprodução desse evento.

Evidentemente que a atitude da professora teve seus pontos positivos, contudo, não consegui visualizar a discussão com os/as alunos/as sobre temas relacionados ao esporte, na verdade verifiquei a preocupação em cobrar dos/as alunos/as um trabalho como forma de avaliação. Ficando de lado outros vários aspectos inerentes que poderiam ajudar de forma circunstancial no senso crítico dos/as alunos/as. Digo isso, pois visualizei por várias vezes, tanto durante os recreios, como nas aulas de educação física, que foram discutidas atitudes dos/as alunos/as referidas a copa do mundo, como por exemplo: imitar estereótipos de jogadores, camisetas com temas referentes a copa, álbuns de figurinhas da copa. Temas que poderiam ser utilizados como eixo norteador de diversas discussões sobre temas transversais, aqui no caso sobre mídia e suas influências em fenômenos como os esportes. Citando o recreio, era perceptível, por exemplo a grande procura pelos alunos pelo jogo de futebol. Mas, mais do que a procura evidenciavam as atitudes, os gestos marcados e caracterizados que poderiam servir para que se criasse um ambiente favorável às discussões embasadas que ajudariam de forma circunstancial na formação humana dos/as alunos/as.

Contudo, mesmo que perceptível a reprodução de signos e estereótipos vinculados ao evento da copa do mundo, e conseqüentemente da mídia, principal vinculadora de tais gestos, a escola como um todo e os/as professores/as como parte integrante desse todo nada fizeram para tentar problematizar tais aspectos com os/as alunos/as. E no caso específico dessa escola, apenas a reprodução de papéis impostos pela mídia a sociedade e não a sua discussão perante essa sociedade, ou aqui representado pela comunidade escolar: Percebi a “euforia” causada pelo evento da copa do mundo, muitas vezes, é maximizado de forma exagerada pela escola, que transforma tal evento em uma manifestação de euforia, desprendida de qualquer forma de manipulação, criando um mecanismo de exaltação dos vitoriosos e minimizando os perdedores a meros participantes do espetáculo.

Outro ponto que averigüei durante minha observação na escola que poderia ser utilizado como um chamariz para o desenvolvimento de problemáticas referentes a mídia e a escola, ou a mídia e a educação física, se deu durante a realização de uma aula de educação física onde os/as alunos/as se utilizavam de jornais para a realização da atividade. Os jornais apresentavam fotos de jogadores, de várias seleções, e os alunos pediam na hora que a professora distribuía os jornais para receberem aqueles que continham fotos dos considerados os “melhores” jogadores, ou ainda os intitulados “ídolos nacionais”. Os meninos queriam sempre os jornais que apresentavam em seu corpo fotos de jogadores considerados craques, referencias em seus clubes, e referencia nas seleções em que atuam. As meninas também mostravam interessadas pelas fotos dos jogadores, mas ao contrário dos meninos buscavam fotos de jogadores que são considerados bons atletas e intitulados pelos meios de comunicação como “bonzinhos” ou ainda denominados como “símbolos sexuais”, ou “símbolos de beleza”.

De acordo com Andrade:

“As pessoas passam a vida inteira buscando alcançar este corpo “modelo”, mas ele sempre escapa porque nunca é o mesmo. As representações em torno dele alteram-se, modificam-se de acordo com referencias históricas e culturais. Do mesmo modo, os conhecimentos que a mídia apresenta como “verdadeiros” também são modificados de

acordo com interesses econômicos, políticos e sociais” (ANDRADE, 2003, p.119-120).

Evidencio que no contexto dessa aula a professora poderia ter chamado a atenção dos alunos para os “porquês” de tais intitulações ou denominações para determinados atletas, criando um momento de discussão e de reflexão de vários aspectos vinculados aos meios de comunicação de massa e como a mídia utiliza de tais propagandas vinculadas a imagem de determinados jogadores, ou atletas de modo geral para a comercialização de produtos, ou da vinculação de propagandas das mais diversas categorias com esses personagens como forma de obtenção de lucro, por exemplo. Contudo, o que vi foi apenas a atitude dos alunos perante as imagens que apareciam nos jornais e a omissão da escola, representada pela professora de educação física, perante uma temática de grande aporte transversal dentro do contexto em que a aula se encaminhava.

Questiono a prática docente da professora, mas não estou colocando a prova a credibilidade da escola. O que quero ressaltar é que muitas vezes temos as possibilidades de criar, discutir, trazer o novo para dentro das aulas, para dentro das instituições de ensino, mas ficamos presos à execução de regras e do desenvolvimento do saber sistematizado, que por várias vezes não se contextualiza o que os alunos/as vivem e aprendem no seu dia-a-dia. Isso faz com que os/as alunos/as que, são parte integrante dessa sociedade, sofram por diversos momentos, a influência de diversos meios extrínsecos, como a mídia e os meios de comunicação de massa, sem que ocorra a mediação ou que se chegue até o conhecimento sobre as intenções de tais mecanismos de controle.

Nesse contexto, pude verificar, que era necessária a intervenção e conseqüente criação de um debate com os/as alunos/as sobre aspectos que, na minha visão, são constituintes da mídia, entretanto ficaram apagados do contexto geral das atividades ou dos recreios, por exemplo, não possibilitando assim o enriquecimento de conhecimentos aos alunos/as e tirando qualquer responsabilidade da escola na formação global dos/as mesmos/as.

5.3 COMO SE DÃO AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

Toca o sinal da escola. Todos/as os/as alunos/as correm para o lugar já pré-determinado, cada turma tem seu lugar demarcado no pátio da escola. Os/as alunos/as começam a formar, por ordem de tamanho, meninas de um lado, meninos do outro, esperando a professora que vêm busca-los/as e acompanhá-los/las às salas de aula. Após, o recreio o mesmo ritual é seguido a risca pelos/as alunos/as que nada fazem a não ser seguir as regras determinadas pela escola.

O relato acima é a experiência que vários/as alunos/as repetem em cada dia letivo em muitas escolas pelo Brasil, e foi o que encontrei no meu campo de observação. Além de um instrumento de controle da disciplina dos/as alunos/as, errôneo no meu modo de ver, notamos que as segregações de gênero dentro das instituições de ensino começam exatamente quando as aulas de um dia letivo são iniciadas, pois além da formação em fila que os/as alunos/as são submetidos fica bem clara a distinção de que as meninas precisam ficar de um lado (formando uma fila exclusivamente de meninas) e os meninos precisam ficar do outro (formando uma fila exclusivamente de meninos), afim de que não exista nenhuma forma de aproximação entre os indivíduos de sexos diferentes.

Digo que tal separação de meninos e meninas é para que não ocorra nenhuma forma de aproximação entre os sexos opostos. Contudo vale lembrar que, como tratei no capítulo referente ao patriarcado e a lógica da estereotipação dos papéis sexuais, contido no referencial teórico desse trabalho, tais formas de segregação surgiram para justamente coibir quaisquer manifestações consideradas “perigosas” entre os meninos e as meninas.

Hoje temos a ciência de que as interações entre meninos e meninas se dão de forma muito mais constante dentro do contexto geral da sociedade e das instituições de ensino. Contudo, ao visualizar tal situação de separação em filas entre meninos e meninas aponto que devemos ficar atentos as mais diversas manifestações de segregação entre os sexos, mostrando que as questões de gênero continuam sim presentes dentro das

sociedades e manifestam-se também na escola sendo componente obrigatório de estudos e atuações dentro das aulas escolares.

Como apontei anteriormente já no início de um dia letivo podemos verificar a disseminação sobre componentes das questões de gênero dentro da escola. Seguindo esse raciocínio falarei um pouco sobre as manifestações encontradas por mim durante os recreios da escola e, posteriormente, falarei especificamente das aulas de educação física.

Nos recreios podemos ter uma base de como as manifestações de gênero se dão dentro de um ambiente social como é a escola. Se olharmos sorrateiramente nossos olhos estão viciados a ver que as meninas estão brincando de um lado, os meninos do outro. As meninas realizam brincadeiras e atividades de roda, ou brincadeiras sem contato físico, “sem muita correria”, contrapondo-se aos meninos que mostram-se vigorosos, correndo o tempo todo e porque não dizer arrumando até o que poderíamos nomear como “confusões”. Talvez essa descrição que acabei de fazer seja a descrição que nossa questão cultural queira fazer, determinar tarefas para os meninos e para as meninas que, posteriormente, tomarão rumo para desencadear o que é tarefa para o homem e o que é tarefa para a mulher dentro de nossa sociedade. Cabe assim neste momento, utilizando de uma visão um pouco mais direcionada, levantar pontos que fazem com que as diferenças entre os meninos e as meninas sejam cada vez mais acentuadas, e como essas manifestações se dão dentro do ambiente escolar.

Voltando ao recreio, observei manifestações de diferenciação entre os sexos e temos a ciência que este espaço não está apenas atrelado as brincadeiras específicas dos meninos e brincadeiras específicas das meninas. Refletindo sobre o recreio notamos que é grande a manifestação de brincadeiras onde meninos e meninas brincam juntos, muitas delas, evidenciam uma disputa existente entre os dois sexos. A brincadeira intitulada “menina pega piá”, ou vice-versa é um exemplo dessa disputa. Analisando o contexto do recreio notamos que vários grupos de colegas que englobam meninos e meninas adoram brincar dessa brincadeira, sendo freqüentemente alvo da disputa entre ambos os sexos, onde a demonstração de poder de um perante o outro é facilmente perceptível. Notei também no recreio formas de expressão diferenciadas entre os meninos e as meninas.

Verifiquei que várias meninas, geralmente acompanhadas por duas ou três colegas circularam nos espaços da escola de mãos dadas, ou abraçadas, algumas vezes compartilhando momentos distintos com os meninos, ora ensaiavam uma espécie de “flerte”, outras demonstram espaços de discussões e pequenos desentendimentos. Os meninos, na maioria das vezes, demonstraram interação com as meninas quando estavam sozinhos, e quando acompanhados por colegas tentavam se impor perante as meninas em uma demonstração de superioridade perante o sexo oposto.

Essa necessidade de se mostrar superior ao sexo oposto me chamou a atenção veementemente durante o período que fiquei no campo de observação, sendo que essas manifestações não são exclusividades apenas dos meninos perante as meninas, mas também das meninas perante os meninos. Para exemplificar melhor falarei agora especificamente das aulas de educação física onde essa segregação de gênero e poder pôde ser bastante presenciada durante o desenvolvimento das atividades propostas dentro das aulas.

Geralmente nas atividades propostas para as aulas de educação física existia a necessidade da separação dos alunos em grupos distintos. Observei que sempre que a professora propusera uma divisão os alunos prontamente pediam a divisão por gênero, isto é, meninos de um lado, meninas do outro. A professora da disciplina de educação física nunca realizou tal divisão, sempre utilizou de outros artifícios para a divisão, assim sendo sempre as equipes ficaram mistas, ou seja, com meninos e meninas no mesmo time. Com a divisão deste modo observava que geralmente o início da atividade era demorado, ocorria uma falta de organização entre as equipes, uma “discussão” entre os meninos e as meninas que formavam as equipes atrasando de forma significativa o começo da atividade. Outro ponto de relevância observado durante o desenvolvimento das atividades onde preponderantemente havia uma exclusão das meninas no decorrer das tarefas propostas, sendo que os meninos participavam de forma muito mais ativa do que as meninas.

Em determinado dia a professora da escola não poderia ministrar uma das aulas de educação física e me pediu para que eu ministrasse essa aula. Quando fui fazer a divisão

dos grupos para a posterior realização da atividade os alunos me pediram a divisão de meninos para um lado e meninas para o outro. Na mesma hora resolvi fazer a tal divisão para observar como se desenvolveria uma aula totalmente segregada, mas condizente com os pedidos dos próprios alunos. Para a minha surpresa, aquela demora que eu observava para o início das atividades quando as equipes eram mistas não aconteceu. Pelo contrário, a organização tanto do time das meninas quanto do time dos meninos foi imediata, e o que mais me chamou a atenção durante essa aula foi às provocações existentes entre as equipes, ou seja, entre os meninos e as meninas. A disputa foi muito acirrada, pois as duas equipes queriam se mostrar fortes, criando assim, um clima que até então, não havia presenciado na escola.

No final da aula fiz uma roda de discussão entre os alunos e alunas para que eles expusessem os pontos que eles e elas acharam relevantes durante a execução da atividade. As meninas mencionavam que os meninos devido a sua força física levavam vantagem dentro da atividade, já os meninos se vangloriavam desta qualidade e menosprezavam as reivindicações propostas pelas meninas. Após alguns minutos de discussão aberta entre os alunos e alunas comecei a atuar como um mediador do debate entre os meninos e as meninas, começando expor aos alunos e alunas alguns pontos sociais, culturais e históricos que fazem com que determinadas atividades, profissões, atitudes, sejam consideradas para homens e outras consideradas para mulheres. Nesse contexto as meninas mostraram-se mais abertas para o debate e os meninos apenas demonstravam a necessidade de expor uma espécie de poder perante as meninas, não aceitando muitas das indagações realizadas por mim e pelas próprias meninas.

Depois de ter descrito alguns dos ambientes onde aparecem de forma incisiva às questões de gênero na escola, recreio e aulas de educação física, quero salientar que é de suma importância que os/as profissionais que atuam na prática escolar estejam atentos/as as diversas manifestações de segregações de gênero que são eminentes no contexto global da escola. Desse modo, tanto de forma direta como de forma indireta, existirá um espaço para que questões presentes na escola, como as referentes à gênero sejam trabalhadas de forma coerente ajudando a minimizar as segregações impostas por várias formas de

controle, até mesmo a mídia e os meios de comunicação de massa e a própria indústria cultural que age diretamente na criação de estereótipos que são seguidos fielmente pela sociedade.

Finalizando, quero dizer que fiz esses relatos para ajudar o leitor e a leitora a contextualizar o ambiente em que fiz minha pesquisa de campo, tendo ciência que muito do que relatei aqui vai se contradizer com a realidade encontrada em outros universos educativos, do mesmo que outros podem se identificar com os escritos. É de suma importância fazer isso para que tenhamos a ciência de que não podemos ficar omissos as questões de gênero nas instituições de ensino e, para que possamos ajudar a transformar esses ambientes de construção social em um lugar de debate pleno sobre os eixos norteadores da sociedade como um todo.

Somente desse modo, conseguiremos criar espaços para que os mecanismos que determinam as diversas formas de segregação sejam questionados com fundamentos, afim de modificar de forma circunstancial os padrões inertes que sustentam uma sociedade com normas de gênero pré-determinadas social e culturalmente, que são apenas sustentadas por uma falta de criticidade e coerência dos próprios indivíduos que convivem dentro de um eixo manipulado e sem critério dentro desta mesma sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 O/A PROFESSOR/A COMO EDUCADOR/A

Muitas vezes nos perguntamos qual o papel do professor/a dentro do ambiente escolar. Para mim essa pergunta é respondida com certa facilidade. Na verdade não podemos apenas sermos professores, mas na verdade devemos ser “professores educadores”. Sempre tive essa idealização do professor, um ser que não se restringe ao ato de ensinar, mas sim ensina e educa os alunos. Para mim é necessário existir essa diferenciação para que possamos verificar que um “professor educador” não está apenas preocupado em transmitir aos seus alunos/as o saber sistematizado, mas está igualmente preocupado em trazer para o contexto escolar temas que são inerentes e fazem parte da vida diária dos/as alunos/as, trazer os chamados temas transversais para sala de aula e mostrar aos seus alunos/as o quanto é complexo entender os eixos norteadores da sociedade em que habitam.

Após ter vivenciado diversas experiências no campo de observação tenho a comigo que o/a professor/a não pode ficar restrito ao ato de ensinar, mas deve se preocupar em educar seus alunos/as para a criticidade e a transformação. De forma a não questionar a atuação do professor de educação física da escola em que obtive muitos dos dados contidos neste trabalho, verifiquei que em sua atuação faltou justamente o dever de educar prendendo-se muitas vezes ao simples ato de ensinar. Como retratado anteriormente, não faltaram momentos em que poderia ter ocorrido a interação com temas transversais, momentos de reflexão com os alunos, enfim, oportunidades de aguçar a criticidade dos mesmos perante as normas e fatores que norteiam a sociedade de modo geral, contudo, isso não aconteceu.

Não quero culpar o professor por isso mas sim salientar que acredito que o problema desta falta de interação, ou falta de percepção para o trabalho com outros temas que fazem parte do ambiente escolar é muito maior do que uma simples atitude do professor. Poderíamos levantar vários motivos que fazem com que os professores muitas

vezes não consigam trabalhar como os discursos academicistas pregam, estes que muitas vezes são “endeusados” sem critério algum, formação antiga, falta de cursos na área, maus salários, o descaso das ordens governamentais com a educação, seriam apenas alguns dos itens que estariam expostos nesta vitrine, mostrando claramente que o professor na maioria das vezes está sujeitado a trabalhar em condições totalmente alheias a realidade encontrada na escola. O Que fazer então? Essa pergunta torna-se complexa neste momento. Não podemos simplesmente inventar uma receita para sanar todos os problemas que os professores encontram dentro das instituições de ensino, até porque não teríamos nem por onde começar o invento. Cabe sim tentarmos levar para dentro da comunidade escolar algo de novo. Algum trabalho diferente que ajude aos antigos e aos novos professores se tornarem “professores educadores” e venham a trabalhar de forma totalitária os mais variados conteúdos existentes dentro do contexto escolar, não deixando de lado os temas transversais que tanto falei no decorrer deste trabalho, ajudando assim na formação integral dos alunos, aumentando e criando neles uma visão crítica de sociedade para quem sabe ajudar na quebra de barreiras que sustentam de forma marcante o status quo vigente dentro de nossa sociedade.

Por fim, quero dizer que a figura do professor torna-se marcante na vida dos alunos. Tanto os bons professores como os maus professores. Nos mesmos dentro desse contexto conseguiríamos apontar ao longo de nossa caminhada como alunos professores que foram exemplos de determinação e ícones na forma como ensinavam, e professores que causaram de certa forma até “preconceitos” com determinada disciplina que ministravam. Assim sendo, confio muito nessa designação que estou dando para a figura do professor e acrescentando-lhe o adjetivo majoritário de educador, “professor educador”, pois desse modo acredito que todas as formas de educação serão acrescidas de conhecimento, aumentando cada vez mais o senso crítico dos alunos que serão expostos as mais variadas categorias de ensino, acrescidas logicamente da parte humana de educar para a sociedade.

6.2 TUDO SE INTERLIGA

Para finalizar as discussões levantadas no decorrer deste trabalho acredito eu que os assuntos aqui tratados, mídia, indústria cultural, questões de gênero, se interligam dentro do ambiente escolar e acabam tornando-se um instrumento único capaz de criar e modificar tendências, dogmas, signos, enfim, mecanismos que possivelmente ajudaram no controle de normas seguidas pela sociedade.

Vejam os pela seguinte ótica. Um estudante assiste televisão, ouve rádio, lê revistas, pode ter acesso à internet, a livros, enfim, a uma gama de instrumentos que transmitem as mais diversas informações. Dentro destes seguimentos ocorrem propagandas, mensagens sobre produtos, estes que podem ter o seu uso restrito para homens ou para mulheres ou ainda a junção dos dois, verifica tendências de moda para ambos os sexos, assiste a comerciais com “ídolos de beleza”, “símbolos sexuais”, “atletas ícones”, e tudo vai se juntando em um universo só. Este estudante, que pode ser uma menina ou um menino, absorve tais informações diariamente e tem na escola a companhia de seus colegas que tiveram o mesmo bombardeio de informações criando assim um mundo de reprodução de conceitos e estereótipos perpassados a eles pelos meios de comunicação em massa, pela mídia e pela indústria cultural de modo geral.

Nesta avalanche de informações a instituição escolar torna-se pesa fundamental para a criação de espaços para as mais variadas formas de debate sobre estas questões, mídia, gênero, indústria cultural, são fenômenos que devem ser tratados com os alunos de forma interligada já que eles agem de forma interligada dentro do contexto de uma sociedade. Os alunos devem ter a ciência de que mais do que simples reprodutores de um padrão pré-estabelecido eles são agentes pensantes que devem fazer com que estas normas não sejam apenas perpetuadas sem nenhuma forma de questionamento, mas sim sejam discutidas em conjunto, com todas as partes integrantes de uma sociedade, esta na qual eles também são parte integrante.

6.3 POR FIM

No decorrer desse trabalho foram levantadas questões sobre corpo, mídia, indústria cultural e as questões de gênero dentro das instituições de ensino e, prioritariamente nas aulas de educação física escolar. Notamos que muitos são os agentes que de certa forma criam mecanismos de manipulação sobre os indivíduos que habitam dentro de uma sociedade. Tais mecanismos atuam de forma direta na vida das pessoas criando regras e normas que sustentaram, por muitas vezes, todo o universo que as cercam. O estereótipo, ou a promessa de uma vida mais longa e saudável, por exemplo, é acompanhada, de inúmeros discursos e representações que auto-regulam o indivíduo tornando-o, muitas vezes, vigia de si próprio. “A ênfase na liberdade do corpo no que respeita a sua exposição e desnudamento nos espaços públicos caminha passo a passo com a valorização dos corpos enxutos e “em forma” onde o excesso, mais que rejeitado, é visto, por vezes, como resultado da disciplina e da falta de cuidado”. (GOELLNER, 2003, p.38-39).

Nota-se também que a mídia como porta-voz da chamada indústria cultural exerce papel fundamental nas questões de gênero na sociedade. O modo de divulgar e vender o corpo tanto do homem quanto da mulher, influencia e cria, muitas vezes, um modo de ser tipicamente masculino e um modo de ser tipicamente feminino ao mesmo tempo em que no caso da Educação Física, área que aprofundo meus estudos, ajuda a difundir o estereótipo de um corpo “esteticamente perfeito”, ou difundir tarefas que são determinadas exclusivamente para homens ou exclusivamente para mulheres. “Para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de “machona” pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma, para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica em ser chamado de “bicha” ou ‘afeminado’” (DAOLIO, 1995, p. 103).

Percebe-se ainda que “a história da educação física mostra que ela foi sempre discriminatória mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos, a serviço de uma ideologia sexista” (ROMERO, 1994, p. 229). Tendo presente tal pensamento este trabalho procurou suscitar alguns questionamentos e refletir acerca de como se produzem e reproduzem as relações

de gêneros, meninos e meninas, nas aulas de Educação Física atualmente, levantando atitudes, expondo alguns acontecimentos identificados na práxis da teoria e do campo de observação, trazendo assim experiências que podem ajudar a enriquecer de forma circunstancial a formação geral tanto dos profissionais que atuam no ambiente escolar, tanto dos próprios alunos inseridos neste contexto, já “que a organização escolar deve auxiliar na formação de uma sociedade na qual mulheres e homens não limitem suas possibilidades pessoais em função de seu sexo e as atividades realizadas não sejam balizadas pelas atribuições de gênero” (COSTA & SILVA, 2002, p.47).

Por fim, acredito que dentro de um universo escolar que se preocupa na formação integral de seus alunos, não pode ocorrer a dissociação do saber tido como sistematizado dos chamados temas transversais, os quais as questões referentes a gênero, mídia e indústria cultural estão intimamente ligados e associados com o modo de vida de uma sociedade. Somente desta forma conseguiremos mexer na estrutura de tal sociedade, conseguindo criar mecanismos para que os indivíduos consigam questionar e identificar os “porquês” das diferenciações de classe, de gênero, aspectos atrelados a regras e normas, por exemplo, e assim conseguir criar um universo rico em criticidade que debate de forma consciente sobre todos os vieses da sociedade.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, S.S. Mídia imprensa e educação dos corpos femininos. Petrópolis: Vozes, P. 108-122, 2003.

AQUINO, R,S, L. História das sociedades. 7º ed. Rio de Janeiro. **Ao livro técnico S/A**, 1989.

BOURDIEU, P. A distinção: critérios e bases sociais do gosto. Campinas: Papirus, 1988.

BRACHT, V. Sociedade critica do esporte – uma introdução. São Paulo: Ática 1995.

CORDIOLI, M. Neo- Liberalismo e educação: uma nova ordem mundial. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, F.R.M.: SILVA, G. R. A Educação Física e a Co-Educação: Igualdade ou Diferença? Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, Vol,23, n, 2. P. 46-54, jan, 2002.

COSTA, L.P. Educação Física e esportes não formais. São Paulo: ao livro técnico S/A, 1989.

DAOLIO, J. A Construção Cultural do Corpo feminino ou o Risco de Transformar Meninas em “Antas”. 1995. P. 99-108.

ELIAS, N. O processo civilizador: uma historia de costumes. Rio de janeiro: Zahar, 1994.

FACHIN, O. Fundamentos de metodologia. São Paulo: Atlas,1993.

FRAGA. A. Corpo, identidade e bom-mocismo. Cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

GLORIA, S. P. Investigación Cualitativa: Retos e Interrogantes. I Metodos. Madrid: La Muralla,1994.

GOELLNER, V. S. A produção cultural do corpo. Petrópolis: Vozes, P. 28-40, 2003.

LOURO, L.G. Gênero, Sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes, Vol III, 1999.

MARX, K. Manuscritos econômico- filosóficos e outro textos escolhidos: Karl Marx; seleção de textos de José Arthur Giamotti; traduções de Jose Carlos Bruni...(et al), 4º edição. São Paulo: Nova Cultura, 1987. (Os pensadores).

PROST, A. História da vida privada. São Paulo: Cia da letras, 1992.

ROMERO, E. A Educação Física A Serviço Da Ideologia Sexista. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 1994. P. 226-233.

SABAT, R. Gênero e sexualidade para consumo. Vozes, Petrópolis, P.149-159.

SEVCENKO, N. Orfeu estático na metrópole. São Paulo: Cia das letras, 1992.

SILVA, A .R.: SOARES, R. Juventude, escola e mídia. Vozes, Petrópolis, P.82-94.

SILVA, P, N, G. A cultura corporal burguesa: seu contexto histórico e suas primeiras sistematizações pedagógicas. Anais VI congresso brasileiro de educação física, esporte e lazer, p.517-525, outubro de 1997.

STAKE, R. Investigación com estudio de Casos. Madrid: Morata, 1998.

STENHOUSE, L. Investigación Como Base de la Enseñanza. Madrid: Morata, 1987.

VÁS, F, A . Corpo, Educação e Industria Cultural na Sociedade Contemporânea: Notas para Reflexão, 2003. P.61-75.